

CRISTO,
Centro das Escrituras
e da Vida

Augusto Gotardelo

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Cristo, Centro das Escrituras e da Vida
Augusto Gotardelo

1ª edição brasileira: 1955

2ª edição brasileira: junho de 2015

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Explicação necessária
Introdução
Cristo ao Pórtico da Vida Humana
Cristo nos Salmos
Cristo nas Profecias
Cristo na Sua Autoapreciação
Cristo no Conceito dos Apóstolos
Cristo na Vida
Bibliografia

.oOo.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O Autor deste trabalho não cursou seminário. Nos domínios da Filosofia e da Teologia é simples autodidata. Preocupado com o aprimoramento de sua especialidade – Língua Portuguesa e Língua Latina – cursou a Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde se licenciou em Letras Clássicas.

Alguém, empolgado com uma das prédicas de Sadu Sungar Sing, aconselhou o grande místico e evangelista leigo a que ingressasse num Seminário. O famoso pregador respondeu-lhe: “O melhor Seminário que conheci e frequentei foi o regaço materno”.

Em tal Seminário também estive. Embora católica, minha genitora soube dirigir-me nos caminhos do temor de Deus.

Naturalmente, minha tese tem defeitos. Residindo numa cidade do interior, longe de Seminários e autoridades protestantes em Teologia, não tive obras especializadas à mão nem mestres cujo saber me orientasse no manuseio de livros técnicos, Por isso, a pobreza bibliográfica é um dos primeiros senões de nosso humilde trabalho, preparado em vinte dias, nas horas de

lazer e de disposição física, à pressa, após um ano letivo trabalhoso, depois de um mês de exames diários num colégio grande.

Não ignoramos que a originalidade é uma das maiores virtudes de uma tese. É provável que a nossa peque justamente pela falta de originalidade.

Quem não sabe que Jesus é o centro do Cristianismo? Quem pode ignorar esta verdade? Quem ousará negar que em torno dEle gravitam doutrinas, esperanças, sonhos de glória e de imortalidade?

Entretanto, muitas almas tentam deslocar esse centro, ou pôr nele entidades que, vivas neste século, diriam como Paulo aos pagãos de Listra: “*Varões, por que fazeis estas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões*” (Atos 14:15).

Outros senões se apresentarão. Contudo, consolam-nos as palavras de Plínio, o Velho: “*Dicere solebat Plinius senior nullum esse librum tam malum, ut non aliqua parte prodesset*” “Plínio, o Velho, costumava dizer

que não há nenhum livro tão ruim, que não possa ser útil em alguma parte” (Ep. 5, lib. 3).

INTRODUÇÃO

Quem medita nas Santas Escrituras diuturnamente e crê que o Senhor Jesus é a única entrada conducente à glória (João 14:6) há de impressionar-se com a sistemática propaganda católico-romana em favor do culto de Maria.

O Ano Mariano empolgou todo o mundo católico. Pio XII não poupou esforços em dar à Virgem Maria, no ano que se lhe consagrou, títulos e prerrogativas que teólogos não lhe dariam diante do testemunho negativo das Sagradas Letras.

Tratados completos de mariologia se têm publicado em vários recantos do planeta e muitas mensagens pontificias, dirigidas até a povos pagãos do

Oriente, têm por centro aquela que esperava a chamassem apenas de “*bem-aventurada*” (Lucas 1:48) e não “Refúgio do gênero humano”, “Auxílio dos cristãos”, “Vencedora de todas as grandes batalhas de Deus”, “Rainha dos anjos”, “Advogada dos pecadores”, “Esposa do Espírito Santo”,

“Santuário da Divindade”, “Paraíso do novo Adão”, “Remanso da Santíssima Trindade”. Ela mesma se contentava com o título de “*serva do Senhor*”

(Lucas 1:48).Que a Virgem de Sião tem no seio da igreja de Roma lugar de honra suprema mínguém o nega. Ela é a alma da Igreja. Pio XII declara que a Virgem é rainha e senhora do mundo,

Leia-se o que disse um ilustre jesuíta: “Ignorar Maria é ignorar quase por completo os principais dogmas de nossa Religião, porque Maria Santíssima tem parte relevantíssima na doutrina no culto, na liturgia e em

toda a Religião Católica” (Mariano Pinho. S. J., O coração imaculado de Maria à luz de Fátima, p. 11).

Tinha razão Eduardo Carlos Pereira quando dizia que a Igreja de Roma deveria chamar-se **Mariolatrismo** e não **Cristianismo**.

Diante das peregrinações de Fátima pela Espanha, França, Bélgica, Holanda, Estados Unidos e Canadá, pelos recantos cultos do Brasil, com grande lucros para o comércio e para os simoníacos, Rui Barbosa repetiria o que escreveu sobre o **marianismo**, degenerescência que matou no seio da Igreja o Evangelho de Cristo: “Tudo quanto, no Catolicismo, era puro, divino, singelamente humilde; tudo quanto propendia a estabelecer essa união interior do homem com Deus, que é a essência do culto cristão, obliterou-se ou proscreeu-se. O que ficou é uma simbólica sem alma e sem verdade, pasto à credulidade supersticiosa das classes ignorantes e manto ao

cepticismo dissimulado e calculista da minoria ilustrada” (O Papa e o Concílio, p. 198).

Declara o jesuíta Mariano Pinho que até o século XII não encontramos documentos comprobativos de culto explícito ao Coração de Maria. E o ingênuo jesuíta chega a esta lamentação: “Os Evangelhos usam de um **laconismo demasiado** para as ânsias que os nossos corações experimentam de conhecer pormenorizadamente todos os atos de virtude da Mãe de Deus” (Ob. Cit., ps. 21, 129).

Não percebe ele que este silêncio do Novo Testamento e de muitos escritores apostólicos é uma prova eloquente de que na era áurea do Cristianismo não se conhecia o culto de Maria. O dogma do imaculatismo e o da ascensão de Maria não ocupavam a mente dos pregadores cristãos, que se compraziam na apresentação de Cristo e Este crucificado (I Coríntios 1:23).

Entretanto, o culto aí está. Romarias, festas, novenas, procissões, prédicas e publicações procuram estabelecer, com estímulos novos e pompa moderna, um culto estranho à Palavra de Deus. Daí o nosso desejo de provar pela Escritura que no centro da Bíblia está Cristo e só Ele. E a vida agradável a Deus é aquela que se desenvolve, que produz, que realiza a sua missão em redor de Jesus, o “*Sol da Justiça*” (Malaquias 4:2).

Vivam as nações em torno dessa Luz e não andarão nas trevas (João 8:21).

CRISTO NO PÓRTICO DA VIDA HUMANA

A primeira referência bíblica a Cristo e à Sua Obra redentora está em Gênesis 3:15. Poderíamos dizer que o primeiro título dado a Jesus pelas Escrituras é este: REDENTOR.

Ali, naquele lugar de pureza e inocência, no “*jardim do Senhor*” (Ezequiel 28:13), nossos primeiros pais, pela desobediência, deram entrada ao pecado no mundo, e ali mesmo o Senhor promete resgatar todos aqueles que, através dos milênios, trariam o estigma do grande delito. Da semente da mulher saíria Aquele que resgataria o gênero humano.

A pequena profecia a que Arthur Pearson (em *Muitas Provas Infalíveis*, p. 215) chama “profecia semente”, cria corpo através da história e das experiências do povo de Israel, e refulge nesta declaração profética meridiana: “*Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho e será o Seu Nome Emanuel*” (Isaías 7:14).

São Paulo tinha o pensamento na tragédia do Éden, nAquele que esmagaria a cabeça da serpente, quando disse: “*Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram*

feitos pecadores, assim pela obediência de Um muitos serão feitos justos” (Romanos 5:19).

A semente da mulher ou o Vencedor do pecado era Cristo: “*Assim como todos morreram em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo*” (I Coríntios 15:22).

A Igreja Romana torceu a verdade expressa pela profecia mosaica. O esmagador da serpente não seria a mulher, mas a semente dela, isto, é, o Cristo.

Os textos paulinos supratranscritos roboram nossa assertiva, mas o Romanismo, pela escultura e pela pintura, apresenta a Virgem esmagando, com pé virginal, o perigoso réptil. Esta representação católica, que é a alteração de uma grande verdade bíblica, nasceu da descrição que Santa Catarina Labouré fez de uma visão que tivera, em Paris, em 1830.

“De repente, vê diante de si Nossa Senhora, de estatura mediana, de pé sobre um globo branco. Veste de seda branca e da cabeça desce-lhe até embaixo um véu. É um deslumbramento de beleza a linda Senhora: com o pé virginal esmaga a serpente”.

A visão de Santa Catarina nada mais é do que o resultado do ensino romanista, da adulteração do texto hebraico.

Diz a Vulgata: “E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a sua posteridade e a sua, dela.

Ela te pisará a cabeça e tu armarás traição ao seu calcanhar”.

C. B. Cottette (em Inovações do Romanismo, p. 168), com toda a sua autoridade de exegeta e historiador, escreve: “Esta tradução é da Vulgata, e confessamos, com ingenuidade, que nos surpreende o atrevimento dos tradutores romanistas que, para encontrarem algum apoio para os seus pretensos dogmas, não vacilam em pôr na Santa Bíblia palavras para a obrigarem e dizer coisas que ela nunca disse. O pronome **ela**, que temos na Vulgata, e que dizem referir-se à mulher, no original hebraico não se refere a ela, mas sim à sua semente, que é Cristo, de modo que na Vulgata há dois erros de tradução: não deve ser **ipsa**, mas sim **ipsum**, e nem ainda **ipsum**, mas **istud**, pois que se refere ao sujeito mais próximo, e na Vulgata há gravíssimo erro de dizer **ela**, em lugar **desta**”.

O Pe. José Maria Bover, S. J., em sua tradução castelhana da Bíblia, apresenta assim o texto em apreço: “E inimizade porei entre ti e a mulher, entre tua prole e sua prole, a qual te ferirá a cabeça, enquanto que tu ferirás seu calcanhar”. E faz o seguinte comentário: “A exegese católica denomina a este versículo de **protoevangelio**, por constituir como uma profecia da boa nova da redenção do gênero humano, pecador com Adão, graças à prole (o

Messias) que nascerá da Mulher (Maria)” (Sagrada Bíblia, p. 44).

Neste protoevangelho está a redenção do gênero humano anunciada e viria graças à semente da mulher, isto é, o Cristo.

Um dos característicos do Redentor era não ter pecados. Na Segunda Carta que São Paulo dirigiu aos Coríntios, afirma que Jesus não tinha pecados: *“Aquele que não conheceu pecado O fez pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus”*. E Pedro assevera: *“O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano”* (I Pedro 2:22).

A Virgem de Sião não se julgava esmagadora da serpente, pois vinha da linhagem de Davi e precisava também de um Redentor. Ela mesma se declara necessitada desse Libertador: *“A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”* (Lucas 1:46).

Nem podia deixar de pensar assim, pois Davi dizia: *“Eis que em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe”* (Salmo 51:5).

Diz Lucas que, cumprindo-se os dias da purificação, a mãe do Senhor Jesus foi a Jerusalém dar a oferta que Moisés recomenda em Levítico. Como era pobre, atendeu à recomendação mosaica: *“Mas, se a sua mão não alcançar assaz para um cordeiro, então tomará duas rolas, ou dois pombinhos, um para o*

holocausto e outro para a expiação do pecado: assim o sacerdote por ela fará propiciação, e será limpa” (Levítico 12:8; Lucas 2:21-24).

Queremos insistir em que a redenção só poderia estar numa entidade sem mancha e essa gloriosa pessoa não nasceria de um homem, porque toda a humanidade caiu com Adão. *“Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram”* (Romanos 5:12).

Quando o Doutor dos Gentios declara que todos pecaram, não exclui pessoa alguma, nem a si próprio, embora se apresentasse com paradigma do seguidor de Cristo (I Coríntios 11:1) e criatura em quem o Mestre vivia (Filipenses 1:21). Só a Cristo excetuou (II Coríntios 5:21).

Se a ideia do imaculatismo de Maria e a doutrina da vitória da Virgem sobre o pecado fossem apostólicas, Paulo não escreveria o que escreveu. *“Dizem as Escrituras que Isaías e João Batista foram santificados no ventre de suas mães. E por que é que nada dizem de Maria, sendo ainda maior o seu privilégio do que o daqueles?”* (Collette, Inovações do Romanismo, p. 172).

Embora sejam os Evangelhos de um **laconismo demasiado**, no dizer do Pe. Mariano Pinho, referindo-se à vida da Virgem, a sua Igreja

defende esta doutrina: “Que Nossa Senhora nunca contraiu de fato nenhum pecado, nem sequer venial, é dogma de fé. **Sine macula!** Sem mancha, sem pecado original, sem nódoa de qualquer falta atual deliberada, sem sombra de deslize ou imperfeição moral; isenta de todas as deprimentes consequências da concupiscência, que entenebrece a inteligência e debilitam a vontade humana, Maria Santíssima brilha como o mais terso espelho que saiu das mãos do Criador: **speculum sine macula**” (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 112).

Entretanto, ele mesmo declara à p. 98: “Evidentemente, também por Maria morreu Cristo: **pro omnibus mortuus est**; para todos foi precisa a redenção”.

A ilação que se tira é irrecusável: ela está entre os pecadores que o Redentor salvou. A missão de Cristo era salvar o que se havia perdido. É Ele quem o declara: *“Hoje veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”* (Lucas 19:9-10).

E São Paulo doutrina: *“Deus prova o Seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”* (Romanos 5:8). *“Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se Um morreu por todos, logo todos morreram. E Ele morreu por todos para que todos*

os que vivem não vivam mais para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou” (II Coríntios 14:15).

Santo Agostinho era cristão da escola paulina, pois via em Jesus a sua redenção e o único meio por que se aproximaria de Deus. Num colóquio com o Senhor diz o Bispo de Hipona: “Poderia encontrar alguém que me reconciliasse convosco? Deveria eu recorrer aos anjos? Mas com que orações? Com que ritos? Ouvia dizer que muitos, querendo voltar para Vós, tentaram encetar por este caminho, más que não o podiam fazer por si mesmos. Mas caíram no desejo de presenciar visões curiosas, merecendo, por isso, ficar entregues às ilusões.

“Eles eram mortais e pecadores e Vós, Senhor, sois imortal e sem pecado. Convinha que o Mediador entre Deus e os homens tivesse semelhança com Deus e os homens; pois se somente se parecesse com os

homens, estaria longe de Deus; e se fosse semelhante só a Deus, estaria longe dos homens. Assim não haveria mediador” (Confissões, X, p. 42).

O grande teólogo Langston, em seu prestante Esboço de Teologia Sistemática, à p. 246, dá este salutar conselho: “É muito interessante estudar Gênesis 3:15 em conexão com Isaías 11:8, porque nestes dois versos temos figurada a grande transformação que Deus há

de realizar um dia no universo. De cada um desses versos podemos ver o plano de salvação que se acha em Cristo Jesus. Na primeira dessas passagens vemos a inimizade entre a serpente e a semente da mulher; na segunda vemos a criança – semente da mulher – a brincar com a serpente sem que e esta lhe cause dano algum. Toda esta transformação se realizará por Cristo Jesus”.

Não tem sido outra a esperança dos que creem em Deus e aguardam a volta de Seu Filho.

A promessa do Senhor feita ao casal caído no paraíso profanado, ao pórtico da vida humana, é avivado em termos de ternura e de esperança através da vida patriarcal do povo hebreu.

Transcrevemos estes versos: *“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, e em ti serão benditas todas as nações da terra”* (Gênesis 12:2-3).

E o foram, pois desse tronco saiu o Redentor (Mateus 1).

CRISTO NOS SALMOS

1 – Na agradável e edificante literatura poética dos hebreus – os Salmos – reponta aqui e ali, como flor encantadora e distinta numa campina, uma ou outra referência ao Messias, ao Cristo vindouro.

E, quando Ele aparece, tem a função de Guia, de Legislador (como Moisés), de Rei guerreiro (como Davi), ou Príncipe Portador da Paz (como Salomão), mas o Seu Reino ou governo não terá o brilho sem glória do reinado de Saul, nem a brevidade dos domínios de Davi e de Salomão. Ao revés disso: *“Do incremento deste principado e da paz não haverá fim”* (Isaías 9:7). Quando os romeiros atapetavam o chão com ramos e agitavam palmas às portas de Jerusalém, à vista de Jesus, repetiam uma consoladora verdade anunciada pelo salmista e proclamada pelos profetas: *“Eis que o teu Rei aí te vem, manso e assentado sobre uma jumenta”* (Mateus 21:5).

O próprio Jesus, interpelado por Pilatos, que Lhe perguntou se era rei, respondeu, consciente de Sua missão: *“Tu dizes que Eu sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade”* (João 18:37).

A legenda do madeiro, *“Este é Jesus, o Rei dos judeus”*, posto que redigida por ironia, era anúncio eloquente de uma das missões de Cristo neste mundo e no vindouro: de ser Rei de consciências e corações.

Os próprios judeus, mais tarde, impressionados com a verdade profética ali estampada, foram pedir a Pilatos que alterasse a legenda, mas o romano, indiferente a questões metafísicas, preferiu deixá-la no lugar, porque já o molestava tanto fanatismo e hipocrisia.

2 – No Salmo 22, o escritor sagrado fala desse Rei que não teve coroa nem trono entre os homens, não comandou exércitos, nem falou em salões aristocráticos, mas fez da palavra mansa e poderosa a arma com que defendeu o fraco e exaltou as nações. *“E todos os reis se prostrarão perante Ele; todas as nações O servirão”* (Salmo 72:11).

3 – No Salmo 45, sentindo a presença deste Rei poderoso, o escritor sagrado fala do perfume da mirra da veste real, do ouro que a compõe, preciosidades que os magos tiraram de seus cofres para dar Àquele a Quem chamaram *“rei dos judeus”* (Mateus 2:2).

Mas o que mais nos empolga na leitura e na meditação desta página profética é o esplendor desse Rei que *“cavalga prosperamente pela causa da verdade, da mansidão e da justiça”*.

Quando o Senhor, passados os séculos, dizia ser manso e humilde coração (Mateus 11:29); quando a turba delirante cantava hosanas ao Filho de Davi, que, manso entrava na cidade dos profetas (Mateus 21:9); quando defendia a pecadora das acusações dos juízes sem credenciais e criminosos também (João 8); quando dizia aos doutos e aos indoutos ser a Verdade (João 14:6), então o anseio do salmista adquiria realidade esplendente.

“Jesus é o Rei de um novo Reino, oposto ao mundo e onde não haverá mais reis. César é o rei do passado, capitão de soldados, cunhador de prata e de ouro, falível administrador de uma justiça insuficiente. Jesus é o Rei do futuro, libertador dos escravos, renunciador das riquezas, senhor do Amor” (Papini, em História de Cristo, p. 210).

4 – No Salmo 2, o sacro escritor canta a vitória do Messias diante da rebelião das nações. Após falar da força deste Rei, da Sua invencibilidade, o salmista exorta as gentes nestas expressões carinhosas: *“Agora, pois, ó reis, sede prudentes, deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao Senhor com tremor e alegrai-vos com tremor”*.

O Coliseu, as catacumbas, as águias dos estandartes romanos avultam aos olhos de todo aquele que lê a História com diques infernais às santas aspirações desse grande Rei, mas estava

escrito: *“Tu os esmigalharás com uma vara de ferro, Tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro”* (Salmo 2:9).

A palavra do amor, a força do exemplo, o fascínio do perdão, o esplendor da fé, a energia das convicções de raízes celestiais, tudo abateu, sem trombetas nem tropéis de animais velozes, o império do erro, o cetro da idolatria, o gládio das ambições, a pira da luxúria.

Governa esse Rei ainda (Apocalipse 17:14). Vivem junto dEle não os bajuladores, não os vaidosos, não os maus, mas os que vivem e pensam como as crianças (Marcos 10:15). Não há no Seu Reino pompa, nem banquetes orgíacos, nem gozo que a moral condena, mas a alegria e justiça e a paz que promanam da comunhão com o Senhor (Romanos 14:17).

Ao mais humilde súdito, mas fiel, oferece esse augusto Rei uma coroa de glória, mais significativa que as que se punham na frente dos vencedores helênicos (Apocalipse 2:10). Bem-aventurados aqueles que O servem como embaixadores do Seu Reino, porque privarão com Ele nas alturas (João 14:3).

As Santas Escrituras não apresentam outro Rei senão Cristo. *“Farão guerra ao Cordeiro, mas o Cordeiro os levará de vencida – porque Ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis”* (Apocalipse 17:14).

Entretanto, Pio XII, falando da coroa riquíssima que os portugueses deram a Maria, chama a mãe de Jesus de Rainha do Universo. Até Pio IX não se lhe dava oficialmente tal título. “Quando chegaram a Pio IX inúmeros pedidos para Consagração do mundo a Nossa Senhora, acolheu com todo o carinho esse postulado e acrescentou: Na verdade, falta ainda alguma coisa à realeza de Maria, enquanto os seus súditos a não proclamam voluntaria e solenemente; pedi, pois, muito para que este belo pensamento amadureça, a fim de que a Igreja possa outorgar à Virgem esta nova glória” (Mariano Pinho, S. J., em *O Coração Imaculado de Maria*, p. 199).

Nova glória, efetivamente nova, por isso que as Sagradas Letras nada dizem a respeito. E o pensamento amadureceu e a Igreja outorgou à bem-aventurada Virgem a “nova Glória”, sem apoio nas Escrituras.

Depois desta Consagração, tem a Virgem recebido as honras de rainha. E a Igreja de Roma faz questão de prestar-lhas, principalmente em nações onde se faz sentir a influência benéfica do Evangelho.

Nos Estados Unidos, em junho de 1947, no campo de base-ball de Ottawa, o Congresso Mariano Internacional congregou cerca de 250.000 católicos para uma homenagem pública imponente a esta Rainha do Universo. A Igreja,

que sempre gostou desses espetáculos, transformou, no dizer da revista *Life*, o campo de Ottawa numa catedral ao ar livre. Vinte efigies da Virgem Maria, de gesso, desfilaram pelas ruas em andores puxados por cavalos. Foram tantos os beijos de freiras nos pés de uma dessas imagens que a pintura se apagou antes de findar-se o Congresso!

Se isto não é ofensivo Àquele que disse: *“Não terás outros deuses diante de Mim”* e *“Deus é Espírito e importa que os que O adoram O adorem em espírito e verdade”*, então não sabemos o que é ofensivo ao culto espiritual e cristocêntrico dos Evangelhos.

Só no livro de Mariano Pinho conto mais de trinta títulos dados à Virgem Maria, títulos estes tirados de Cristo, próprios dEle. Tiraram a

túnica do Salvador! Digamos, como Paulo: *“Ao Nome de Jesus se dobre todo joelho, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor”* (Filipenses 2:10-11).

5 – No Salmo 22, desenha-se o Calvário e presente-se o sofrimento que seria o resgate de nossas culpas (Efésios 1:7). Quem, lendo o primeiro versículo, não sente a solidão em que se viu Aquele que trazia nas palavras e nos atos o fulgor das estrelas? *“Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste? Por que Te alongas das palavras do Meu bramido, e não Me auxilias?”* Ficou só.

As palavras de ternura e de alento para os abatidos, a vida para os mortos, o movimento para os paráliticos, a carícia para os pequenos, foram bênçãos que Ele derramou sobre lares desventurados e criaturas sem paz. Onde os beneficiados? Eram ovelhas dispersas, perdidas nas imensas pradarias da desilusão. *“Heli, Heli, lema sabacthani?”* Nunca se sentiu desamparado. No Getsêmani, anjos desceram das alturas e O assistiram. Chegou a declarar em público: *“E Aquele que Me enviou está comigo; o Pai não Me tem deixado só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada”* (João 8:29).

Agora, sob céu plúmbeo e ante a zombaria da turba, interroga com angústia: *“Por que Me desamparaste?”* Crê-se que as nossas culpas sobre Ele O afastaram do Pai por um instante.

“O bom povo religioso O denunciou; o governo O condenou; todos os Seus amigos O abandonaram. Mas o horrendo de Sua miséria é que Ele é abandonado por Deus, desprezado antes do julgamento estabelecido pelo Pai. Entretanto, este homem, Jesus Cristo, não está agonizando por causa de Seus próprios pecados. ‘Verdadeiramente, Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, e as nossa dores levou consigo... Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades’ (Isaías 53.4-5)” (The Christian Century, de 25-08-1954).

Nunca o Pai O deixara só. Certamente Lhe foi angustioso o instante do abandono, que foi para a humanidade o momento decisivo, a fração de tempo em que os abandonados e os escravos retornavam ao caminho do

perdão, da vida eterna, “*O amor de Cristo nos constrange*” (II Coríntios 5:14).

Fala o salmista do escárnio, da zombaria, que, como labareda voraz, subiu pela cruz e feriu o coração do Padecente, do “*Varão de Dores*”; não esquece os brutos que, como leões e cães de fauces hiantes, procuram despedaçá-lo; declara que se transpassariam as mãos e os pés do Messias, embora dessas mãos saíssem as carícias para os inocentes e a felicidade para todos os que padeciam, posto que estes pés nunca pisassem os caminhos do mal; nem a túnica, nem os dados, nem aqueles que disputariam tão significativo troféu, fugiram à observância do vidente.

Entretanto, há quem não considere messiânico o salmo em apreço. “A fraseologia de nosso Senhor, tirada de empréstimo do Salmo 22:1, não mostra que o salmo seja messiânico” (Broadus, em Comentário de Mateus II, p. 334). Tertuliano achava que o Salmo 22 contém toda a paixão do Senhor. Arthur Pearson escreve: “Nada existe neste salmo, como nas profecias diretas, que nos dê uma indicação de que se refere ao

Messias. Superficialmente, são apenas as lamentações de algum padecente abandonado à malícia dos seus inimigos. No entanto, se pusermos a figura de Jesus dentro desse salmo, Ele torna-o – tal como uma luz brilhante numa caverna – literalmente radiante na sua significação” (em Muitas Provas Infalíveis, p. 222).

Em Abingdonn lemos: “É o Salmo da Paixão, sagrado para os cristãos por ter Jesus usado sua primeira linha na cruz” (em Comentário Bíblico, p. 542). De onde se conclui que, para Abingdon, foi usado no momento, mas não escrito para falar desse momento. E o comentador acrescenta: “Nenhuma outra citação poderia ter expressado mais exatamente a profundidade de Seus sofrimentos mentais e seu uso permite ver a familiaridade que Jesus tinha com o Saltério, pois que toda Sua lamentação, especialmente os versículos 13 a 18, descrevem uma angústia tal como Ele a experimentava”.

Entre as flores poéticas dos Salmos, que têm exornado páginas profanas e sagradas de todos os tempos, está a flor do divino afeto – Jesus Cristo. Com a brancura virginal dos lírios, com o aroma delicado das rosas, tem ele inundado de perfume o templo da fé de muitas gerações. Busquemos sempre nesta parte das Escrituras, horto de meditações, essa flor sagrada, prova suprema do amor de Deus.

CRISTO NAS PROFECIAS

1 - A biografia de Jesus está nos quatro Evangelhos, embora tenhamos quatro resumos biográficos, ou quatro biografias incompletas (William Newton Clarck, em *An Outline of Christian Theology*, p. 262).

Entretanto, tais resumos nos dão um retrato fiel e impressionante da pessoa e do caráter do Salvador.

“Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem” (João 21:25). *“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu Nome”* (João 20:31).

Como se vê, os pormenores biográficos de Jesus não têm importância para a salvação do pecador. Reclamam-nos os pesquisadores curiosos dessa vida maravilhosa.

Já nas profecias temos lampejos poderosos desta existência que nos trouxe a paz. Nenhum profeta, porém, superou Isaías na apresentação do

Messias, do Libertador de Israel. É ele o mais rico veio das profecias messiânicas, dos relatos que têm por tema a redenção em Cristo. Se o

Salmo 22 é o Salmo da Paixão, o capítulo 53 do profeta Isaías é o painel mais impressionante que já se fez da tragédia do Gólgota. É o centro do poema messiânico.

Cristo, para Isaías, é o cordeiro que se sacrificaria em nosso lugar: *“Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele e pelas Suas pisaduras fomos sarados”* (Isaías 53:5).

Desde o aspecto físico (“*não tinha parecer nem formosura*”) até a resignação (“*foi oprimido, mas não abriu a Sua boca*”), a paciência do Messias, tudo prende os olhos daquele que, por mercê divina, olhava para o futuro.

Se aqueles que deram à Virgem Maria o título de Rainha dos Mártires, simplesmente porque acompanhou com paciência e fortaleza a paixão do Senhor, lessem e meditassem no sacrifício do Cordeiro na previsão de Isaías, que título dariam a Jesus?

Não resta a menor dúvida de que foi indescritível o sofrimento moral da Virgem de Sião, mas, leitora do Livro Sacro e crente na vinda do Messias, possuía a resignação dos verdadeiros servos de Deus.

O primeiro mártir, na linguagem bíblica, no sentido de testemunha do Senhor, na acepção de padecer pelo anúncio da Verdade, porque aliou

o padecimento físico ao moral, foi Estêvão (Atos 6).

Depois de Cristo, que não foi propriamente mártir, mas vítima, o maior sofredor por Cristo foi Paulo. Eis uma parte do que ele expõe na Segunda Carta aos Coríntios 11:23-33.

“São ministros de Cristo? – falo com insensato – ainda mais o sou eu: em trabalhos sem conta, em prisões muitíssimas, em maus tratos sem medidas, em perigos de morte bem frequentes. Dos judeus recebi cinco vezes quarenta açoites menos um; três vezes fui vergastado, uma vez apedrejado; três vezes sofri naufrágio; perdido em alto mar, andei uma noite e um dia. Nas jornadas, tenho estado frequentemente em perigos da parte de rios, perigos da parte de salteadores, perigos da parte dos meus patrícios, perigos da parte dos pagãos, perigos nas cidades, perigos nos desertos, perigos no mar, perigos da parte de falsos irmãos. Além disso: trabalhos e canseiras, numerosas vigílias, fome e sede, muitos jejuns, frio e desnudez. Prescindindo do mais, pesa sobre mim a influência cotidiana e a solicitude que tenho por todas as igrejas”.

Ele não aceitaria o título de Rei dos Mártires, por isso que se julgava indigno até do título de apóstolo, visto ter perseguido a Igreja de Deus.

Caberia a Jesus o título de Rei dos Mártires, mas com muito mais propriedade teológica a

Escritura O chama “*vítima, cordeiro pascal, varão de dores*”.

Isaiás, pintando o cenário, a ara do supremo sacrifício futuro, diz que este *“homem de dores”* foi julgado indigno, alvo do desprezo, posto entre malfeitores.

Poderíamos dizer que o capítulo 53 de Isaiás é a coroa da missão redentora do Cristo, cujo advento o profeta expõe em linguagem expressiva no capítulo nono. O drama que o vidente apresenta é o nosso drama. Ninguém, lendo Isaiás 53, deveria fazê-lo sem oração, sem reconhecimento profundo, por isso que a nossa paz nasceu desse martírio.

Escrevendo, Isaiás viu o Cordeiro, a Vítima; nós, a Vítima e a Cruz, e ambas viverão para sempre na mente dos remidos. Paulo dizia: *“Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Gálatas 6:14).

Quando a vaidade nos assaltasse; quando as ambições terrenas ocupassem o nosso coração; quando nos julgássemos dignos diante de Deus por obras ou feitos nossos, felizes seríamos se meditássemos nAquele que foi contado entre os transgressores.

O capítulo fala de sangue, de humilhação, de morte, mas o crepúsculo precede a aurora. E Cristo é a vida.

2 - No capítulo 9, Isaiás dá ao Messias vindouro vários epítetos luminosos, entre os quais se salienta este: *“Príncipe da Paz”*.

Jesus é, na verdade, a fonte da paz. Pululam nas Escrituras os textos que O apresentam como portador da paz. Ele mesmo disse: *“Deixo-vos a paz”* (João 14:27). O Doutor dos Gentios d clara que Cristo é o Senhor da Paz: *“Ora, o mesmo Senhor da paz vos dê paz de toda a maneira”* (II Tessalonicenses 3:16).

Impulsionado pelo Espírito Santo, Zacarias, no seu cântico formoso, que é também viva e consoladora profecia acerca do Mestre, afirma que o Menino de Belém nasceu para *“alumiar aos que estão assentados em trevas e sombra de morte, a fim de dirigir os nossos pés pelos caminhos da paz”* (Lucas 1:79). Paulo, com profunda satisfação, prega: *“Ele é a nossa paz”* (Efésios 2:14).

As mensagens do Senhor, pregadas pelos caminhos, no cume dos montes, à beira do mar, no madeiro levantado, tinham o bálsamo da paz: *“Não se turbe o vosso coração”* (João 14:1). *“Não chores”* (Lucas 7:13). *“Vai, a tua fé te salvou”* (Marcos 10:52). *“Tende bom ânimo; sou Eu, não temais”* (Marcos 6:50). *“Mete no seu lugar a tua espada”* (Mateus 26:52). *“Estarei convosco*

todos os dias até à consumação dos séculos” (Mateus 28:20). “Tenho-vos dito isto para que em Mim

tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo” (João 16.33).

Quando, pois, os anjos desceram à terra e cantavam “*Glória a Deus e paz na terra aos homens a quem Ele quer bem*” traziam aos desconsolados e mais risonha nova, o mais doce anúncio que jamais ouvidos humanos escutaram.

Infelizmente, nesta altura da História, duas atitudes do homem entristecem os que leem o Evangelho e creem nele: buscar a paz fora do Príncipe da Paz e apontar outra entidade como doadora da paz.

As conferências políticas de Paris, de Washington, de Berlim, de Londres, dizem que os grandes estadistas querem que a paz saia de combinações, de tratados. Atrás de combinações e tratados há interesses partidários, há dolo, há homens sem Deus ou sem o temor de Deus.

Nunca se falou tanto em paz como agora; mas essa procurada felicidade não pode nascer de convênios entre nações. Destes poderia vir certo equilíbrio político, enquanto não vacilam as bases em que se apoia, mas nunca a paz, no seu sentido profundo.

Erra todo aquele que pensa alcançar a paz fora da entrega do coração às doutrinas de Cristo, e erra muito mais aquele que julga provir a paz do poderia bélico das nações.

“O desenvolvimento das armas nucleares fez esta a idade do medo. A verdadeira paz não pode apoiar-se no medo. É vão pensar que a bomba de hidrogênio ou o desenvolvimento dela garanta a paz, porque os homens estão com pavor de ir à guerra e não pode o medo prover um obstáculo efetivo contra a tentação de uma tal arma, decisiva na esperança de vitória ou no desespero da destruição geral” (The Christian Century, de 22-10-1954).

No Concílio Mundial de Igrejas, diante de representantes de muitas nações do mundo, Edmundo Schlink, subordinado ao tema “Cristo – a Esperança do Mundo”, defendeu esta gloriosa tese: “Não há paz fora de Cristo”. O autor começou por apresentar uma das mais impressionantes doutrinas bíblicas, qual seja a volta de Jesus a este mundo como Juiz.

Tem ele frases ortodoxas, incisivas, fortes, como estas: “Cristo virá como Juiz do mundo”, “Ele irromperá como um ladrão de noite” (I Tessalonicenses 5:4), “Ele lançará as garras sobre o mundo como uma águia sobre o cadáver” (Mateus 24:28), “O aparecimento de Cristo significará o fim do mundo”, “Então todos os ligados à terra chorarão” (Apocalipse 1:7).

Em seguida, aponta a Jesus como salvação, como refúgio, e Jesus crucificado. Pede à Cristandade que olhe para o Cristo suspenso na cruz, coroadado de espinhos, despido, rejeitado,

com o corpo desfigurado e o rosto ensanguentado.

Aqui está a pintura perfeita de toda a miséria e vergonha humanas, “Ele, que foi julgado pelo mundo, aparecerá como Juiz do mundo”, “Somente pela fé nEle acharemos salvação no Dia do Julgamento e seremos, apesar de nossos pecados, julgados sem culpa”. Ele é apontado como portador da paz, na Dupla função de Juiz e Salvador.

Embora seja a Revelação Divina muito clara na apresentação do Príncipe da Paz, posto que ela não dê a outra entidade esta prerrogativa, Pio XII implora a Maria: “Rainha da Paz, rogai por nós e daí ao mundo em guerra a Paz porque os povos suspiram: a Paz na verdade, na justiça e na caridade de Cristo. Dai-lhe a Paz das armas e das almas para que na tranquilidade da ordem se dilate o Reino de Deus” (Mariano Pinho, em O Coração Imaculado de Maria, p. 141).

A prece é nobre, digna, mas o Pontífice bateu em porta errada (João 10:9). Pediu a outra entidade (João 14:13). Nada se faz sem Cristo (João 15:5).

Parece estranho que esta Rainha da Paz seja usada como bandeira emocional de guerra, mas é o que Paulo Blanshard demonstra em Liberdade Americana e Poderio Católico, na p. 262: “Dos dois maiores relicários do mundo

moderno, o de Londres, francês, e o de Fátima, português, consagrados pelas visitas da Virgem Mara à terra, o mais famoso, o de Fátima, é agora usado pela Igreja principalmente como um símbolo emocional na guerra contra o comunismo”.

E Fátima tem sido a bandeira desta guerra. Em 1917, em Fátima, às vésperas da revolução bolchevista, três criancinhas (Francisco, Jacinta e

Lúcia), analfabetas, filhas de camponeses, disseram ter visto Nossa Senhora na cova da Iria. Entre outras coisas, disse-lhes Nossa Senhora: “A guerra vai acabar, mas, se não deixarem de ofender a Deus, começará outra pior. Quando virdes uma noite iluminada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo dos seus crimes por meio da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora dos primeiros sábados. Se atenderem ao meu pedido, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguição à Igreja” (Mariano Pinho, Obr. Cit., ps. 48-49).

Ninguém interpretou melhor tais mensagens do que Blanshard: “As mensagens que ela comunicou às crianças eram bem oportunas, de

fato, elas mostram profunda compreensão da delicada posição do Vaticano na política europeia. Esses presságios políticos foram confiados a três filhos de pastores respectivamente de dez, nove e sete anos, que nunca haviam frequentado escola” (Obr. Cit., p. 264).

Os sinais apontados por Nossa Senhora foram tirados dos Evangelhos e são prenúncios da Segunda Vinda do Senhor. Eles virão mesmo. Leia-se o capítulo 24 do Evangelho de Mateus. Não são novidades de Fátima.

Há um só Doador da Paz e é Príncipe. Rainha da Paz é título estranho às Escrituras.

3 – O profeta messiânico chama a Cristo “*pedra preciosa, pedra de esquina*” (Isaiás 28:16). Sobre esta pedra se edificaria a Igreja de Deus (Mateus 16:18). Nenhum escritor do Novo Testamento teve em mente outro fundamento. Paulo é claríssimo: “*Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já foi posto, o qual é Jesus Cristo*” (I Coríntios 3:11). São Pedro, apontado como pedra fundamental, por causa de uma exegese falsa de Mateus 16:18, declara: “*Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina*” (Atos 4:11).

Mais tarde, escrevendo uma de suas brilhantes Epístolas universais, assevera: “*Pelo que também na Escritura se contém: Eis que ponho*

em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa” (I Pedro 2:6). Paulo reafirma a sua convicção de que Jesus é o fundamento: “*Edificados*

sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina” (Efésios 2:20).

O próprio Cristo interroga os judeus nestes termos: “Nunca lestes nas Escrituras; A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo, pelo Senhor foi feito isto, e é maravilhoso aos nossos olhos” (Mateus 21:42). Esta predição se realiza. Foi Ele rejeitado e morto pela Sua própria raça. É essa rejeição que Pedro com ousadia censura em Atos 4:11,

“A pedra angular do edifício monárquico de Israel era Davi. A pedra angular do Reino de Deus é o Cristo” (Caillard, em Les Prophécies Messianiques, p. 196).

“Ele é, como sempre, a Rocha dos séculos, onde o pecador crente se refugia, e descansa, e edifica” (Handley, em The Epistle of St. Paul to the Romans, p. 259).

“Da dura Pedra jorrou enfim a fonte que tem dessedentado até hoje sessenta gerações” (Papini, em História de Cristo, p. 244).

Entretanto, contrariando as profecias, os escritos apostólicos e a declaração do próprio Pedro, afirma-se que o pescador é a pedra fundamental da Igreja, porque Jesus disse: “*Eu*

te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja”.

Dizia Agostinho que Cristo edificou a Igreja não sobre Pedro, mas sobre a fé, sobre a pública profissão de fé do apóstolo: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*”. E o fez em Retratações, tratado em que corrige erros do passado. “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, neste sentido: que a pedra é Aquele que Pedro tinha confessado quando disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente’ (Ernesto Luiz d’Oliveira, em Roma, a Igreja e o Anticristo, p. 69).

Veja-se, agora, como interpreta o texto de Mateus 16:18 o escritor italiano Papini: “Tu, Pedro, deves ser duro e sólido como a rocha e sobre esta solidez da tua fé em Mim está edificada a primeira sociedade cristã, o núcleo humilde do Reino” (História de Cristo, p. 246).

Para Isaías. Jesus não era apenas a pedra angular, a rocha de esquina, a pedra fundamental do Reino do Senhor, mas uma pedra preciosa.

Posto que em sentido translato, Jesus foi uma gema preciosa. Nele se encontram todas as qualidades ou características de uma pedra preciosa: beleza, esplendor, dureza, raridade.

Não tinha o Mestre beleza física (Isaías 53:2), mas a suprema beleza moral, caráter sem mancha, personalidade íntegra, simbolizada na Sua túnica inconsútil. Quem, se não fora

intemerato, teria a coragem de interpelar os inimigos com estas palavras: *“Quem dentre vós Me convence de pecado?”* (João 8:46). Quem resplendeu mais do que Ele neste mundo? Não é Ele o *“Sol da Justiça”*? (Malaquias 4:2). Não é Ele a *“Luz do Mundo”*? (João 8:12). Não disse Ele ao exilado de Patmos ser a *“Estrela da Manhã”*? (Apocalipse 22:16). Quem fulgurou mais do que Ele na prática do amor, no exercício do perdão, no trato com os humildes, na exposição de uma parábola, na espinhosa tarefa de consolar?

É duro o diamante; chama-se assim porque não se deixa riscar. Rola sobre as penedias, arrasta-se pelos leitos dos rios, entra em contato com cascalhos e seixos. Mas não se deixa marcar. Cristo é diamante divino: comeu com pecadores, privou com publicanos, falou a almas poluídas, mas nunca o pecado Lhe manchou o caráter.

Foi raro em todos os aspectos da vida. Expressões de assombro, informações surpreendentes a Seu respeito pululam nos Evangelhos: *“Eis que veio um leproso e O adorou, dizendo: Senhor, se quiseres podes tornar-me limpo. E Jesus, estendo a mão, tocou-o”* (Mateus 8:2-3). *“Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança”* (Mateus 8:26). *“Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados senão só Deus?”* (Lucas 5:21). *“E expulsou o demônio, falou o mudo*

e a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel” (Mateus 9:33). *“Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram dos pedaços que sobejaram doze alcôfas cheias”* (Mateus 14:20). *“Mas quando eles O viram andar sobre o mar, cuidaram que era um fantasma, e deram grandes gritos”* (Marcos 6:49). *“Nunca homem algum falou como este homem”* (João 7:46).

Feliz é o homem, bem-aventurado é lar, invencível é a nação que se põe sobre esta Rocha. Soprem os ventos, caia a procela impetuosamente, ribombem os trovões, risquem o manto negro do céu os raios igníferos, e o edifício não ruirá, nem se atemorizarão os que fizeram da Rocha o seu fundamento, o alicerce das suas esperanças (Mateus 7:24; Salmo 91).

Insensato é o que edifica sobre outro fundamento. E maior pecado comete quem apresenta outro alicerce para a Igreja e para as esperanças cristãs (I Coríntios 3:11).

4 – Entre os títulos que os escritores sagrados dão a Jesus, encontramos um muito humilde à primeira vista, mas profundamente significativo à luz da vida do Senhor. *“Eis aqui o Meu Servo, o Meu Eleito, em Quem se compraz a Minha alma; pus o Meu Espírito sobre Ele; juízo produzirá entre os gentios”* (Isaías 42:1). *“Tu és o*

Meu Servo” (Isaías 49:3). *“Eis que o Meu Servo operará com prudência”* (Isaías 52:13).

Jesus foi servo. E todo aquele que O ama e Lhe obedece é servo do Senhor também.

Em muitos relanços do Novo Testamento Cristo se nos apresenta como servo. No Getsêmani, a que alguém chamou a “antecâmara do Calvário”, ante a visão do Gólgota, pressentindo os sofrimentos que teria de suportar, disse ao Pai: *“Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade”* (Mateus 26:42).

O servo faz a vontade do seu senhor; compraz-se em servi-lo. A Virgem Maria, diante da radiosa notícia de que seria mãe do Redentor, assim se expressou: *“O meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque atentou na baixaza da Sua serva”* (Lucas 1:47-48).

Quando Satanás voltou de rodear a terra e passear por ela, Deus não lhe perguntou se vira o rico Jó, ou o famoso Jó, mas *“Meu servo Jó”* (Jó 1:7-8).

Quanta glória existe em ser servo do Senhor!

Quando uma criatura humana, por vaidade ou por amor ao pecado, se sente constrangida a receber tal título, outra atitude assumiria em face desta declaração apostólica: *“Aniquilou-se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens e, achado na forma de*

homem, humilhou-se a Si mesmo, sendo obediente até a morte e morte de cruz” (Filipenses 2:7-8).

Todo homem sem Cristo é servo do pecado, do Diabo (João 8:34). O Espírito Santo tem por função convencer o homem do seu pecado (João 16:8) e pô-lo na estrada de Cristo, porque testifica dEle (João 15:26). Muitos se vangloriam da liberdade, porque não são postos em mercados,

não trazem algemas nas mãos e nem correntes nos pés, mas são servos do pecado. Só Cristo pode libertá-los: “*Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres*” (João 8:33).

São Paulo afirma que os salvos foram comprados por bom preço (I Coríntios 6:20; 7:23) e Pedro ensina que este preço não tem por expressão o ouro nem a prata, mas o sangue de Jesus (I Pedro 1.18-19). O pecador convertido é escravo comprado para ser livre, pois São Paulo assevera que Cristo anulou na cruz o título de dívida que nos acusava (Colossenses 2:14). Somos, pois, servos do Senhor (Colossenses 3:24).

Por condescender em ser servo do Senhor, Cristo foi exaltado soberanamente e recebeu um Nome que é sobre todo nome “*para que ao Nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai*” (Filipenses 2:9-10).

A bem-aventurada Virgem Maria, porque se julgou serva do Senhor, foi exaltada por Deus, pois todas as nações a chamam bem-aventurada.

Estes são os títulos que a Bíblia lhe dá, além deste Mulher, usado por Cristo nas bodas de Caná da Galileia (João 2:4). As dezenas de títulos conferidos pelos mariólogos – Rainha do Mundo, Senhora do Rosário, Mãe de Misericórdia, Videira, Co-Redentora do Gênero Humano, Lira do Espírito Santo, Nova Era, Caminho, etc. – não têm base bíblica.

Diz Abingdon, comentando as passagens que falam do Servo: “Não há em todo o Antigo Testamento riquezas como as destas passagens com seus muitos ensinamentos, tão profundamente relacionados com o Novo Testamento. São, na realidade, ensinamentos evangélicos e o profeta que os pronunciou é chamado, com razão, “o evangelista” do Antigo Testamento”) (Comentário Bíblico, p. 677).

Segundo se lê em Joseph Angus (História, Doutrina e Interpretação da Bíblia, p. 535-536), algumas das passagens do livro de Isaías referentes ao Servo usam esta denominação ou título para personificar Israel ou Jacó, de maneira coletiva”. E conclui: “Israel, como servo de Jeová, é objeto de proteção celestial, o portador de uma missão divina, o testemunho divino perante as nações, o instrumento escolhido pela

Providência. Em outras passagens, Servo é o Messias prometido”.

Delitzsch, ilustrando magistralmente a verdade bíblica acerca do Servo do Senhor, diz: “A ideia do Servo de Deus assume, falando figuradamente, a forma de uma pirâmide; a sua base é todo o Israel, a parte central representa aquele Israel que já não o era simplesmente segundo a carne, mas segundo o Espírito também, e o cume é a pessoa do Mediador da salvação, saindo de Israel” (Apud Joseph Angus, Obr. Cit., p. 536).

Quando o orgulho se puser à porta do nosso coração, leiamos João 13:5: “*Depois deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido*”. Então compreenderemos a missão de Jesus e atentaremos melhor para a exortação que ressoa através dos séculos: “*Ora, se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós também deveis lavar os pés uns dos outros*” (João 13:14).

Paulo inicia a Epístola aos Filipenses assim: “*Paulo e Timóteo, servos do Senhor...*” Doutor da Lei, poderia tornar-se membro do Sinédrio e personalidade eminente no seio do seu povo, mas a sua glória estava na cruz (Gálatas 6:14), na excelência do conhecimento de Cristo (Filipenses

3:7-8). Por isso preferia dizer-se “*servo do Senhor Jesus*”.

5 – O capítulo 55 de Isaías constitui um dos mais lindos convites de Deus aos homens. Uma razão de ordem histórica e moral lhe deu origem.

Os judeus cativos da Babilônia, enquanto aguardavam o socorro do Senhor, procuraram acomodar-se à situação e entregaram-se a negócios. Diz Abingdon que os hebreus tinham um dom especial para religião, talvez nunca imitado por outros povos, mas tinham em potência outras possibilidades que na Babilônia se manifestaram de modo preeminente: “Desenvolveram grande capacidade para os negócios e muitos subiram a grandes alturas em riquezas e poder” (Comentário Bíblico, p. 688).

Estes, seduzidos pelo lucro, pela riquezas, abandonaram o templo, o lugar do culto a Deus. Ezequiel esforçou-se por manter viva a fé de seus compatriotas. Dirigem-se, pois, as palavras do capítulo 55 a esses escravos das riquezas materiais, a fim de que se voltem para Deus e deem alimento à alma desnutrida. Constituem elas um apelo de grande beleza literária e espiritual destinado a afastar um povo de altos destinos de um caminho de materialidade e de glória fugazes.

São gloriosas as promessas que se fazem nesta parte da Revelação Divina.

Elas, porém, se

cumprirão plenamente no Príncipe, na Testemunha que o profeta menciona no verso 4. Diante de Pilatos, o Senhor Jesus diz ser esta Testemunha (João 18:37). E o Espírito Santo leva o vidente de Patmos a chamar a Cristo de *“fiel Testemunha”* (Apocalipse 1:5).

Na mesma linguagem do profeta, passados os séculos, Jesus exclama: *“Se alguém tem sede, venha a Mim e beba”* (João 7:37). *“Eu sou o pão da vida; aquele que vem a Mim não terá fome e quem crê em Mim nunca terá sede”* (João 6:35). À mulher de Samaria o Divino Mestre declara: *“Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”* (João 4:13-14).

A João Evangelista declara o Mestre: *“A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida”* (Apocalipse 21:8), *“E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida”* (Apocalipse 22:17).

Cristo é o pão e a água do espírito. Come-se e bebe-se de graça. Não se obtém este alimento por dinheiro. *“Vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço”* (Isaías 55:1). Não se compra o céu com dinheiro. Simoníaca é a Igreja que negocia com coisas sagradas (Atos 8:20). Todas estas verdades são bíblicas e trazem consolação a todos

os homens, principalmente aos pobres e desamparados. Todavia, a mais consoladora verdade é que Jesus pede ao pecador que vá a Ele diretamente e não faz referência a intermediários.

Referindo-se às crianças, diz Jesus: *“Deixai os meninos e não os estorveis de vir a Mim”* (Mateus 19:14). Aos cansados e oprimidos exclama: *“Vinde a Mim, todos vós os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei”* (Mateus 11:28). E, para coroar uma série de convites divinos, afirma: *“E o que vem a Mim de maneira alguma o lançarei fora”* (João 6:37).

Lamentamos profundamente que, diante de verdades tão claras, haja quem procure outra fonte de águas para o espírito.

O Mons. Tihamér Toth, em *A Religião e a Juventude*, p. 161, abre um capítulo com estas palavras latinas: *“Per Mariam ad Iesum”* (A Jesus por Maria), que resumem a tese católica da intercessão da Virgem. A certa altura do capítulo, diz o pensador católico: *“Não a consideramos uma deusa, como os acatólicos se comprazem em acusar-nos, mas como a Mãe*

do Filho de Deus. Não a adoramos, mas veneramo-la e suplicamos-lhe queira interceder por nós”.

É justamente essa intercessão a força responsável pela descentralização do Cristianismo. Não tem base alguma nas

Escrituras a doutrina segundo a qual o homem tem que ir a Cristo por Maria.

Os textos supracitados dizem que Jesus chama o pecador, pede-lhe que se aproxime com a doce promessa de que não o lançará fora. *“Ninguém vem ao Pai senão por Mim”* (João 14:6). A Jesus por Maria é doutrina apoiada em ilustrações humanas, em frases sentimentais, e não nos textos sagrados do Novo Testamento.

Outro romanista assim se expressa: “Meu caminho, para chegar sem voltas nem perigos até ao Santo dos Santos, até as profundezas secretas do Coração de Jesus, santuário de justiça e de amor, já está todo traçado diante dos meus olhos, traçado pelo amor e o exemplo de meu Mestre: Maria!” (Pe. Mateo Crawley-Boevey, em *Jesus, Rei de Amor*, p. 400).

Entretanto, Jesus continua convidando diretamente o pecador: *“Vinde a Mim”* e *“O que vem a Mim de maneira alguma o lançarei fora”*.

O ladrão (Lucas 23:43), a mulher cananeia (Mateus 15:22), Jairo (Lucas 8:40), os leprosos (Lucas 17:13) e uma legião de sofredores foram DIRETAMENTE a Cristo. Não foram irreverentes, mas obedientes ao apelo: *“Vinde a Mim...”*. *“Ó, vós todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei”* (Isaiás 55:1).

A quem busca outra fonte censura Jeremias nestes termos candentes: *“A Mim Me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas”* (Jeremias 2:13).

6 – Santo é um dos atributos com que o profeta Isaiás distingue o Messias por vir: *“O teu Redentor é o Santo de Israel”* (Isaiás 41:16).

A santidade do Senhor Jesus é uma das facetas luminosas da natureza teantrópica do Salvador. Até os demônios salientavam a perfeição do Mestre. Quando este se aproximou de um homem que tinha espírito imundo, na sinagoga de Capernaum, o espírito exclamou: *“Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és? O Santo de Deus”* (Marcos 1:24).

O escritor da Carta aos Hebreus (7:26-27) fala que o sacerdócio de Cristo não mais se repete (v. 27) e firma-se na santidade do Senhor. *“Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus, que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados e depois pelos do povo; porque isto fez Ele uma vez, oferecendo-se a Si mesmo”*.

São Pedro escreveu acerca do seu Senhor e Mestre: *“Não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano”* (I Pedro 2:22).

Um dos traços do cristão é andar em santidade: *“Aquele que diz que está nEle, também deve andar como Ele andou”* (I João 2:6). E sem ela ninguém verá o céu: *“Segui a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá a Deus”* (Hebreus 12:14).

Todo cristão sincero aspira à santidade que exornou a vida do Mestre e luta por alcançá-la. E este combate que Paulo expõe nos capítulos 7 e 8 de Romanos é vivo e presente na vida dos maiores santos.

Não há vida sem pecados: *“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós”* (I João 1:8). A perfeição absoluta não é possível neste mundo. A Epístola aos Filipenses, que Paulo escreveu em Roma, diz que o apóstolo continuava no anseio de alcançar a meta da perfeição e não se julgava senhor dela (3:12).

Thomas Paul Simmons comenta: *“Como é sabido, Cristo ensinou Seus discípulos a confessar os seus peados na oração modelo. Nem Ele em qualquer tempo ou de qualquer modo insinuou ou implicou que haveria um tempo quando eles poderiam apropriadamente dispensar esta confissão do pecado e petição de perdão”* (Um

Estudo Sistemático de Doutrina Bíblica, p. 368-369).

Não há vida sem pecados, mas há vidas vitoriosas, ainda na carne pecadora e fraca. Há momentos de sombra e de luz nestas vidas também, mas não desfitam o céu da existência espiritual para buscarem entre as nuvens pardacentas um raio do sol que lhes ilumine o caminho escolhido.

“Pessoalmente, jamais encontrei alguém que vivesse sem pecado. Encontrei-me com pessoas santas que vivem vidas vitoriosas. Encontrei-me com outras que alegavam viver sem pecados, mas verifiquei que por

pecado significavam alguma coisa aquém da definição que o Novo Testamento dá de pecado. As Escrituras ensinam que alguém que sabe o bem que deve fazer e não o faz é culpado de pecado. Ensinam mais: que tudo o que não é de fé é pecado” (J. E. Orr, em *Plena Submissão*, p. 99).

Nos domínios cristãos, parece-nos que ninguém se aproximou mais do Modelo do que Paulo: “As mais altas qualidades que podem enaltecer um homem, achamo-las em Paulo sublimadas pela santidade. O gênio humano se junta nele com a influência divina para fazer um tipo perfeito de humanidade, diante da qual os maiores heróis do pensamento humano e da história cristã se nos afiguram cópias incompletas”

(Fray Justo Perez de Urbel, em *San Pablo, Apóstol de las Gentes*, p. 298).

Entretanto, dizia o Doutor dos Gentios: “*Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro*” (II Timóteo 1:15).

Usando uma figura de Santo Agostinho, dizemos que “somos lamparinas que hão de ser estrelas” (Confissões, XIII, 13).

Paulo, mais de uma vez, pôs em relevo a perfeição de Cristo, e perfeição absoluta. Se a bendita Virgem Maria tivesse a perfeição propalada pelo dogma definido por Pio IX, na bula *Ineffabilis Deus*, a 8 de dezembro de 1854, e fosse tal ideia corrente entre os cristãos primitivos, Paulo a teria mencionado nas suas cartas. O grande cristão e filósofo nunca se referiu à Virgem nos seus escritos.

A Igreja de Roma, porém, a ela se refere nestes termos: “Maria é a única que nem um instante teve pecado na alma” (Mariano Pinho, em *Obr. Cit.*, p. 97). “Que Nossa Senhora nunca contraiu de fato nenhum pecado, nem sequer venial, é dogma de fé” (Id., *Ib.*, p. 101).

A Escritura nada nos diz a tal respeito. O imaculatismo de Maria era doutrina desconhecida nos dias apostólicos. O próprio jesuíta Mariano Pinho lamenta a escassez de

documentação bíblica: “Os Evangelhos usam de laconismo demasiado para as ânsias que os nossos corações experimentam de conhecer pormenorizadamente todos os atos de virtude da mãe de Deus” (*Ob. Cit.*, p. 129).

Os apóstolos não se preocupavam com o culto de Maria nem com o dogma de Pio IX, porque naqueles dias áureos o Cristianismo era cristocêntrico (I Coríntios 2:2; Gálatas 6:14; II Pedro 1:16).

A religião de São Paulo era cristocêntrica. Leia-se esta apreciação judiciosa, insuspeita: “Cristo é a obsessão, seu pensamento de todo instante, sua vida social e sua vida sentimental, reduzidas a uma unidade soberana pela vida de Cristo. Vive dEle e para Ele” (Fray Justo Perez de Urbel, Obr. Cit., p. 305).

E não desconfiam os devotos de Maria, os mariólogos, desse cristocentrismo, desse laconismo demasiado, do silêncio dos evangelistas com respeito a uma doutrina tão importante hoje para eles?

O Santo de Deus, o Santo de Israel foi concebido sem pecado. Não duvidamos disto diante de Lucas 1:35. Nele está a vida eterna (I João 5:12). *“Aquele que diz que está nEle, também deve andar como Ele andou”* (I João 2:6). Mudando o tratamento do texto paulino, digamos a nós mesmos: *“E o mesmo Deus de paz nos*

santifique em tudo; todo o nosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Tessalonicenses 5:23).

7 – O mais alvissareiro registro profético é, sem dúvida, este: *“Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e será o Seu Nome Emanuel”* (Isaías 7:14).

Deus está conosco! É o conteúdo semântico do antropônimo Emanuel. E quem conhece a Escritura, o plano do Eterno nela traçado, e crê na providência do Senhor, sabe que Jesus é Deus conosco.

A muitos corações ainda parece estranha a doutrina da encarnação do Verbo. “Deus é infinito; o espaço não O pode conter, nem o tempo O pode limitar. O homem é finito, cercado por barreiras definidas. Como é que o ilimitado e o limitado podem se combinar e unir? Todas as nossas noções prévias de coisas são contrariadas no Deus-Homem” (Arthur Pearson, Obr. Cit., p. 263).

Entretanto, como este erudito pensador cristão o prova, o fato é verdadeiro. Muitas vezes Jesus falou deste mistério: *“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade”* (João 1:14). *“Não crês tu que Eu*

estou no Pai e que o Pai está em Mim?” (João 14.10).

Muitas vezes os homens viram nEle a natureza divina e o homem harmonizados esplendorosamente: *“Tomé respondeu e disse-Lhe: Senhor meu e Deus meu” (João 20:28). “E, quando subiram para o barco, acalmou o vento. Então aproximaram-se os que estavam no barco e adoraram-nO, dizendo: És verdadeiramente o Filho de Deus” (Mateus 14:33). “Deus bendito eternamente” (Romanos 9:5). “E sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro, e no que é verdadeiro estamos, isto é, em Seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (I João 5:20).*

Com a mente posta na doutrina da Divindade de Jesus, sente o leitor das Escrituras embaraços diante de passagens como estas: *“Eu e o Pai somos um” (João 10:30), “Quem Me vê a Mim, vê o Pai” (João 14:9), “Por que Me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus” (Mateus 19:17).*

Não diz o Mestre ser igual a Deus? Não afirma a Filipe que Ele, o Verbo encarnado, é a humanidade do Pai? E agora diz ao homem rico que não há bondade perfeita na criatura, mas em Deus tão somente.

Muitas vezes o Mestre falou olhando o lado humano de Sua natureza, para que o homem O entendesse melhor. A humildade foi uma das marcas impressionantes de Seu caráter. Pedia a beneficiados que não dissessem coisa alguma aos amigos e conhecidos. Fugiu ao sensacionalismo. Além disso, a divindade dEle era doutrina estranha para os judeus. Quase O apedrejaram quando a expôs (João 8:56-59). Uma afirmação como a de João 8:58 não daria o resultado que deu a palestra memorável: viu ele beleza na doutrina do Messias, embora fosse escravo das riquezas.

Diz Arthur Pearson que o Califa Haroun Al Raschid se embuçava em trajes citadinos e percorria de noite as ruas de Bagdá para melhor se certificar das necessidades dos súditos, a fim de as minorar e conhecer os seus infortúnios para os reparar.

Jesus se escondia no manto da humildade. Diante do jovem rico, achou melhor ser homem, falar como homem.

Felizes os que podem, pela fê e pela experiência de cada dia, dizer Emanuel, Deus conosco! E Ele está conosco ainda: *“Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mateus 28:20).* Ele está

conosco pelo caminho, escondido na palavra de um crente desconhecido
(Lucas 24:13-35), nos momentos

de lágrimas (João 20:11-14), na hora do testemunho difícil (Atos 7:55), nos instantes de tentação e provas ásperas (II Coríntios 12.7-9), à Santa Ceia (I Coríntios 10:16-17), banquete espiritual dos eleitos.

Comentando João 19:26-27, disse um escritor católico que os protestantes são órfãos, desamparados, porque o Senhor fez de Maria a Mãe da Humanidade, e os protestantes não têm Maria por mãe.

Não foi feliz o pensador católico no juízo e nem na exegese.

Não somos órfãos: *“Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós”* (João 14:18). *“Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre”* (João 14:16). Este é o substituto de Jesus na terra (João 16:7)..

Não procede a exegese de João 19:16-17, pois João não recebeu a Virgem como mãe espiritual. Se a tomasse assim, não a levaria para sua casa. Quando o Mestre disse: *“Eis aí a tua mãe”*, o fez na intenção de que o apóstolo a protegesse após a tragédia do Gólgota. O texto é claro: *“E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”* (João 19:27). Não diz que daquele instante para o futuro passou a chamar-lhe mãe em sentido espiritual.

Veja-se como Papini leu a passagem: *“Na noite da Ceia, apoiou sua cabeça no peito de*

Jesus, e o Crucificado, do alto da cruz, lhe confiará a Virgem Mãe, para que ele a defenda como um filho” (História de Cristo, p. 195).

Cristo não admite outra filiação espiritual senão esta: *“A ninguém chameis de Pai sobre a terra, porque um só é vosso Pai, o que está nos céus”* (Mateus 23:9).

Mãe de Misericórdia, Mãe Católica do Ano, Mãe da Humanidade são expressões comuns em mariologia, mas estranhas à Bíblia.

Não somos órfãos. Deus está conosco! Emanuel!

8 – Com Copérnico o Sol passa a ser o centro do sistema planetário a que pertencemos. Com o Cristianismo passa o Verbo a ser centro da vida espiritual da humanidade.

Diz Malaquias 4:2 que o Messias vindouro é o “*Sol da Justiça*”. Este Sol bendito é o centro em torno do qual gravitam as nossas cogitações espirituais, a nossa esperança de vida eterna.

A metáfora ou figura de Malaquias estava na mente de Cristo quando disse: “*Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida*” (João 8:12).

Patriarcas e profetas, reis e súditos, ricos e pobres, todos fitaram pela fé essa Estrela de grande sem par.

A esperança de nova claridade no firmamento da Religião é manifesta em

expressões como “*Oriente do Alto*” (Lucas 1:78), “*Estrela Brilhante da Manhã*” (Apocalipse 22:16), “*Sol da Justiça*” (Malaquias 4:2).

O apóstolo São Pedro, já desfrutando a realidade desta esperança, escreve: “*E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a única luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vossos corações*” (II Pedro 1:19).

Navegamos no mar turbulento da vida, jamais desfitemos essa Estrela Brilhante da Manhã! Ela nos alumiarรก os roteiros do mar (João 12:46). Quando o nevoeiro da dúvida, das preocupações terrenas, das desilusões, interceptarem a visão dessa luz, digamos como o decano dos apóstolos sobre as águas inquietas do mar; “*Senhor, salva-me!*” (Mateus 14:30).

Quantos cegos, Senhor, não Te veem fulgir no céu da vida do espírito! Quantas cabeças curvadas sobre o que é temporal, esquecidas do Teu brilho celeste, da Tua orientação segura! Quantos naufrágios morais, quantos destroços sobrenadam nas águas turvas do oceano da vida! Por que, Senhor? Porque já não és Tu a Estrela Matutina! Este é o Teu Nome. Só Teu, Salvador glorioso. Tu mesmo To deste: “*Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da Manhã*” (Apocalipse 22:16).

Já não és o centro. o ponto celeste; já não gravitam em torno de Ti muitas nações da terra. “*Pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente*” (Romanos 1:25). Graças Te dou pelo santo privilégio de tomar-Te por Sol da Justiça, Luz do Mundo, Estrela da Manhã e por não fazer coro com aqueles que mudaram o centro da Religião da Cruz.

Falando da visão que Lúcia, Jacinta e Francisco tiveram em Fátima, Mariano Pinho transcreveu as palavras de um desses camponeses sem escola, plasmados pela cartinha romana: “Era uma Senhora mais brilhante que o Sol, espargindo Luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina atravessado pelos raios ardentes do Sol” (Obr. Cit., p. 301).

E, entusiasmado, acrescenta o ilustre jesuíta: “A Luz que Maria deu ao mundo em Belém, ao nascer Jesus, essa mesma dá às almas de modo inenarrável quando se lhes comunica intimamente”.

Cristo disse: “*Eu sou a luz do mundo, quem Me segue [note-se: Quem Me segue] não andarás nas trevas*” (João 8:12). E ainda declarou: “*Eu sou... a Estrela da Manhã*” (Apocalipse 22:16). Escamotearam os textos. Transferiram o título para a bem-aventurada Virgem.

Um devoto de Maria escreveu: “Vivo eu, mas já não sou eu que vivo, é Maria que vive em mim”.

Outro texto escamoteado. Pertence a Paulo: “*Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim*” (Gálatas 2:20).

Mudaram o centro, sem dúvida. É Maria o Sol, a Estrela Matutina, para a Igreja de Roma.

A vida do convertido de Damasco era cristocêntrica e nunca teve esplendores solares. Maria é luz como todo cristão sincero o é. Disse Jesus: “*Vós sois a luz do mundo*” (Mateus 5:14).

Paulo afirmou que o cristão tem obrigação moral de luzir como astros neste mundo (Filipenses 2:15). Ir além disso é cometer o pecado de Romanos 1:25: mudar a verdade de Deus em mentira, honrar e servir mais a criatura do que o Criador.

CRISTO NA SUA AUTOAPRECIÇÃO

1 – Todos os que pesquisam nos domínios espirituais desejam saber o caminho que conduz o mortal à imortalidade. E são tantas as vias apresentadas pelos filósofos e pensadores que o homem se vê indeciso diante delas e de suas bifurcações.

Daí a razão porque Jesus, em pleno ministério, resolveu o problema com esta declaração: *“Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida. Ninguém vem o Pai senão por Mim”* (João 14:6).

Avigorando tal assertiva, anunciou: *“Eu sou a porta: se alguém entrar por Mim salvar-se-á”* (João 10:9).

Todo viajor deseja duas coisas importantes: caminho certo e uma porta que se lhe abra quando os pés se cansarem, quando já não houver luz no céu.

A vida futura é um lar. A porta desse lar é Cristo. Ele foi à frente preparar o canto ameno para os que Lhe seguem as pegadas (João 14:2).

O caminho de Cristo é certo. E Ele diz ao cansado: *“Vinde a Mim, todo os que estais*

cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei” (Mateus 11:28).

Os apóstolos estavam certos de que Jesus é o único caminho para o céu. Se não, vejamos:

Pedro: *“E em nenhum outro há salvação, porque abaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”* (Atos 4:12).

João: *“Quem tem o Filho tem, a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida”* (I João 5:12).

Paulo: *“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”* (Romanos 8:1).

Entretanto, diz um devoto acerca de Maria: “Para todos é caminho que os conduz a Deus, aos pecadores e às almas boas. Aos pecadores que cumprirem o mínimo dos obséquios exigidos por Maria Santíssima, assistir-lhes-á à hora da morte com as graças para a salvação; às almas que generosamente viverem, como os pastorinos, a devoção ao Seu Coração, numa entrega total, para a ajudarem com as suas ilações a salvar as almas, a Mãe do Céu fará deles almas prediletas de Deus; serão

flores escolhidas de Seu jardim, quer dizer do Seu Coração, que Ela colocará junto do trono de Deus; almas que neste mundo conduzirá a Deus, dando-lhes a vida de Deus, fazendo-as em Seu Coração bondosíssimo viver

na mais íntima união com Deus, elevando-as a grande santidade” (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 292).

Não tem base bíblica outro caminho para o céu. Ao carcereiro de Filipos, Paulo disse apenas isto: “*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e tua casa*” (Atos 16:31).

Vale a pena atentar para as palavras do escritor da Carta aos Hebreus (13:8-9): “*Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para todo o sempre. Não vos deixeis enganar com toda espécie de doutrinas estranhas*”.

Ele é o caminho e a porta. Quem não entra pela porta é ladrão e salteador (João 10.1).

2 – “*Eu sou o Bom Pastor*”, disse o Mestre. Falando do Seu supremo pastorado, asseverou que Suas ovelhas teriam pastagem, vida abundante, a proteção absoluta dEle, e Sua Palavra orientadora. A leitura de João 10 é um banquete espiritual. A sua meditação, ligada à do Salmo 23, traz à nossa mente o retrato moral desse Pastor, a cuja sombra nada nos faltará. Ainda que fôssemos postos num vale de sombra e morte, nada temeríamos

ali porque o Seu báculo, isto é, o Seu poder seria uma segurança permanente (Salmo 23:4). Se Ele refrigera a alma e guia a ovelha pelas veredas da justiça; se não teme o lobo e nos chama pelo

nome; se nos conhece intimamente e esse conhecimento é recíproco, a nossa vitória é certa.

Estranhamos, diante dos ensinamentos do Novo Testamento, declarações como estas: “Como te enganas se pensas que te podes tornar uma alma conquistadora, dispensando Nossa Senhora” (Ludovic Giraud, em A Procura do Senhor, p. 61). “Invoquemo-la mais uma vez, que só ela nos pode valer!” (Pio XII, em Mensagem a Portugal). “Para nos acudir e salvar desceu à terra Maria Santíssima a oferecer-nos o Seu valimento e onipotência de Rainha do Universo” (Emile Campana).

Ninguém, depois de Cristo, foi mais vitorioso, mais perfeito, mais dedicado à evangelização das almas do que Paulo. São suas estas palavras, proferidas à hora crepuscular de sua vida: “*Combati o bom*

combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está reservada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia” (II Timóteo 4:7-8).

E a vida deste cristão era cristocêntrica. Nunca o Doutor dos Gentios se referiu à Virgem, nem escreveu sobre ela. Pôs a mente e o coração nas palavras de Jesus: “*Sem Mim nada podeis fazer*” (João 15:5).

“Na realidade, a razão suprema do amor de Paulo, de sua atividade, de seus sofrimentos, de sua constância, de toda a sua vida cheia de

heroísmos e vitórias, é Cristo” (Fray Justo Peres de Urbel, Obr. Cit., p. 304).

Leiam os devotos de todos os matizes estas afirmações de Cristo e depois digam à própria consciência se pode alguém apresentar-se como poder salvador, como âncora de salvamento: “*Vós, porém, não queirais ser chamados mestres... Nem tampouco vos intituleis guias, porque um só é o vosso guia: Cristo*” (Mateus 23:8-12, Novo Testamento, trad. do Pe. H. Rohden).

3 – Resistindo aos ataques do Maligno, disse o Senhor Jesus: “*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*” (Mateus 4:5). Frisa o Mestre, com isso, que a alma tem fome, e ela se satisfaz na obediência a Deus (João 4:34). Olhando as almas famintas, ansiosas de vida feliz, declara-lhes: “*Quem come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna*” (João 6:54).

Escandalizaram-se os que ouviram tal doutrina, porque a tomaram literalmente. Foi necessário que Cristo lhes dissesse: “*As palavras que Eu vos disse são espírito e vida*” (João 6:63). Quem vem a Jesus e crê nEle come-O e bebe-O espiritualmente: “*Eu sou o pão da vida: aquele que vem a Mim não terá fome e quem crê em Mim nunca terá sede*” (João 6:35).

“Estas palavras provam à saciedade que Jesus não se referia à vida do corpo cuja satisfação é

temporária; referia-se positivamente à fome e à sede de nossas almas, isto é, à necessidade que elas têm de salvação e conforto espiritual, para cuja satisfação eterna o Seu corpo quebrado na cruz e o Seu sangue derramado constituem o único alimento apropriado. Comer a Sua carne consiste, então, em ir a Ele; beber o Seu sangue, em confiar nEle. Aquele que vai a Ele e confia nEle saciou a fome e a sede de sua alma, comeu Sua

carne e bebeu o Seu sangue” (Ernesto Luiz d’Oliveira, em Roma, a Igreja e o Anticristo, p. 232).

A missão da Igreja de Cristo é dar esse Pão aos famintos do espírito, principalmente agora, quando as nações, preocupadas com o comunismo, só pensam em dar pão aos descontentes.

Frederrick Martin Stern (em O Capitalismo na América, p. 105) escreve: “Após te haver mandado minha última carta, sentei-me para ler um pouco da literatura marxista que tenho entre os meus velhos livros. E novamente observei o que sempre me impressionou mais: que por trás de toda a luta pela melhoria material sempre arde nos corações dos trabalhadores e seus líderes um desejo muito mais profundo – o desejo de dignidade.

“Acho que o economista britânico R. H. Tawney está certo quando comenta
nas páginas

finais de seu livro Religion and the Rise of Capitalism sobre a verdade de que, visto todos os homens terem alma, nenhum aumento de riqueza material compensará os arranjos que insultem o seu amor próprio e cerceiem sua liberdade. Para que não seja paralisada por revoltas consecutivas dos homes ultrajados, a indústria deverá satisfazer critérios que não puramente econômicos”.

Essa dignidade, esse anseio de igualdade, de uma posição honrosa no meio social, de oportunidades iguais para todos, deve acompanhar o pão material; mas não creio em dignidade humana sem Cristo.

Ele dá ao homem o senso real da vida, integra-o na sociedade, dá-lhe a noção exata do papel que deve desempenhar entre os seus semelhantes. Acho, até, que as prerrogativas sociais do mundo moderno, sem as normas do Evangelho, são perigosas para a vida espiritual do homem.

O Evangelho é a filosofia ideal para a vida, porque é completa e divina. Cristo, seu objetivo, é a solução de todo problema humano: “*Posso todas as coisas nAquele que me fortalece*” (Filipenses 4:13). “*Eu sou o pão da vida*” (João 6:48). “*Comei o que é bom*” (Isaiás 55:2).

4 – A doutrina da Ressurreição é uma das mais definidas em o Novo Testamento (Langston,

em Teologia Sistemática, p. 435). E nenhum texto neotestamentário é mais claro e impressivo que este, fruto dos lábios santos de Jesus: “*Eu sou*

a ressurreição e a vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25).

A esperança cristã desse glorioso acontecimento, Paulo a externa nestas palavras: *“Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo”* (I Coríntios 15:22). Avivando-a, argumenta: *“E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação e também a vossa fé”* (I Coríntios 15:13-14).

Se o Mestre não ressuscitasse, o Cristianismo seria um edifício sem cúpula ou zimbório.

Todos os que morreram aguardam o dia da ressurreição. Bem-aventurados os que morrem em Cristo, porque ressuscitarão para a vida (João 5:29) e serão glorificados com Jesus (Colossenses 3:4).

Ele é a ressurreição e a vida. Quem crê nEle, ainda que esteja morto, viverá. Morto Lázaro, busca Marta em Cristo o bálsamo para as dores da alma e ouve a exposição de uma doutrina que, exemplificada no sepulcro de Arimateia, sustentada por Paulo, testemunhada por grandes santos, é garantia e esperança do Cristianismo.

Há criaturas que já morreram espiritualmente. Daí a lição de Cristo a Nicodemos: *“Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus”* (João 3:3).

Antes da ressurreição do corpo, permitam os mortos no espírito que, hoje, Cristo lhes provoque na alma um retorno à fonte da vida (I João 5:12).

5 – Todos, crentes e descrentes, veem em Cristo o Mestre supremo da História. O próprio Jesus, sem laivos de vaidade, estava certo de que era dono de tal título: *“Vós Me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque Eu o sou”* (João 13:13).

Louvo todo homem que chama Mestre a Jesus, mas glorifico todo aquele que vê em Cristo o Mestre e o Senhor.

Quem Lhe chama Mestre, põe-se no centro da História, mas quem Lhe chama Senhor põe-se no coração do Evangelho. Quem vê nEle só o Mestre, vive no intelecto; mas o que contempla nEle o Senhor, vive no espírito. Em Mestre há respeito; em Senhor, adoração. Antes de lançar as redes às águas, Pedro chama-Lhe *“Mestre”*, mas, diante do milagre, diz-Lhe: *“Senhor”* (Lucas 5:8).

O Mestre tem discípulos; o Senhor tem servos. Éramos servos do pecado,
mas Cristo nos

comprou (I Coríntios 7:23) e libertou (João 8:36). Quem Lhe chama Senhor declara aceitar a obra redentora da Cruz e vê nEle o Libertador. Quem Lhe chama apenas Mestre, pode ser mero admirador dos ensinamentos que Ele pregou.

Jesus não quer apenas discípulos, mas servos. Muitos se limitam a ouvir a Palavra: são discípulos. Daí a exortação de Tiago (1:22): “*Sede cumpridores da Palavra e não somente ouvintes*”.

Centenas de biografias existem pelo mundo fora e têm por ponto central o Salvador, mas, em muitas delas, Ele fulgura como Filósofo, como Mestre, tão somente como Grande Espírito. Ele, porém, bendiz quem O considera Mestre e Senhor.

É muito mais fácil chamar a Cristo Mestre do que chamá-lo de Senhor, porque só chama Senhor a Cristo quem Lhe entregou o coração. E a entrega do coração a Cristo é renúncia, é apego à virtude, é desprezo ao vício.

Grande é a responsabilidade de quem vê em Cristo o Senhor: “*Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! Entrará no Reino dos Céus*” (Mateus 7:21). Servo bom é aquele que, após receber os conselhos, os pedidos, os apelos do Salvador, pode dizer-Lhe: “*Senhor, feito está como mandaste*” (Lucas 14:22).

Mestre? Sim. E Senhor também! Glória a Jesus!

6 – Religião não é candelabro, nem lustres preciosos, nem altares soberbamente iluminados, nem querubins de ébano, nem cerimônias; é vida com Cristo. Para frisar esta verdade, o Mestre disse: “*Eu sou a Videira, vós as varas; quem está em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto*” (João 15:5).

A seiva da vida espiritual está na Videira. Todo cristão frio, sem obras, sem piedade, amigo do mundo, escravo das alfaías do pecado, é vara que, hoje ou amanhã, Deus arrancará da Videira, porque a prejudica, porque a desafaformoseia (João 15:2).

Seria fenômeno estranho à Ciência uma vara que desse fruto desligada de um tronco. Separado da Videira, nenhum cristão pode

produzir frutos que glorifiquem a Deus e beneficiem os homens. *“Como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na Videira, assim também vós, se não estiverdes em Mim”* (João 15:4).

Quem lê o capítulo citado sabe que Cristo é a Videira, fonte de seiva que nutre o organismo espiritual, compreende que as varas são os fiéis do Senhor; e tem desejo de viver ligado intimamente a esta Videira para jamais ser vara seca, imprestável.

Vejamos, agora, os extremos a que chegam os teólogos romanistas: “Maria, Mãe da Vida, é também Mãe dos ramos de toda a gigantesca vinha

que se dilata do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul, e abrange todos os tempos messiânicos, até à consumação dos séculos”.

Com esta comparação, quer o grande jesuíta Mariano Pinho (em Obr. Cit., p. 144) afirmar que todos somos filhos de Maria, que ela é Mãe da Humanidade. Já dissemos que este título é estranho aos Evangelhos. A Bíblia só fala num Pai, que está nos céus. *“Todos vós sois irmãos”* (Mateus 23:8). O Mestre ensinou apenas isto: *“Eu sou a Videira, e vós as varas”*. *“Se alguém lhe acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro”* (Apocalipse 22:19). O futuro confirmará isto!

7 – *“Sou manso e humilde de coração”* (Mateus 11:29). Nasceu numa estrebaria, estrebaria no sentido lato da palavra, sem estatuetas, sem colunas nem capitéis (Lucas 2:7). Aos discípulos lavou-lhes os pés (João 13:5). Nunca escondeu Sua extrema pobreza (Mateus 8:20). Privava com publicanos e pecadores, firmado no desejo de restabelecer os enfermos espirituais (Mateus 9:10-12). Fugia ao sensacionalismo, a homenagens públicas, pois pedia aos beneficiados que nada dissessem acerca do benefício (Lucas 5: 14). Estranhou que um dos Seus usasse de espada para defender o Príncipe da Paz (João 18:10-11). Esbofeteado por um criado, diante de autoridades judaicas,

argumenta com esta suavidade: *“Se falei mal, dá prova do mal; mas, se falei bem, por que Me feres?”* (João 18:23).

Todos aqueles que vivem com o Senhor têm as mesmas riquezas espirituais: mansidão e humildade. João, impetuoso, vingativo, transmudou-se no servo afetuoso (João 13:23), no discípulo amado (João 19:26).

Escrevendo a Tito, Paulo exorta os crentes assim: “*Que a ninguém infamem, nem sejam contenciosos, mas modestos, mostrando toda a mansidão para com todos os homens*” (Tito 3:2).

Ao afirmar que é manso e humilde, o Salvador pede: “*Aprendi de Mim...*”. Podemos repetir aqui as palavras da Virgem nas bodas de Caná: “*Fazei tudo quanto Ele vos disse*” (João 2:5). “*E quem tem ouvidos para ouvir, ouça*” (Mateus 13:9).

8 – Parece-nos que o formalismo judeu no tocante à observância do sábado levou os apóstolos a usarem o domingo como o dia de descanso, por haver naquele praxes que impediam a prática da caridade e neste a lembrança da ressurreição, cúpula da obra redentora, mais significativa que a obra criadora (João 20:19, 26; Atos 20:7; I Coríntios 16:2; Apocalipse 1:10).

Além das razões expostas, a mudança do dia do repouso semanal tinha força diante da

declaração de Jesus: “*O Filho do homem até do sábado é Senhor*” (Mateus 12:8). E provou-o, praticando obras de assistência social, curando e servindo (Mateus 12), embora tais expressões de amor contrariassem a rigidez e o formalismo da observância sabática por parte dos judeus.

O domingo é o dia do Senhor, embora seja no Brasil o dia dos encontros futebolísticos, das feiras, das corridas de cavalos, das brigas de galos, dos folguedos nas praias, da corrupção, das transações desonestas.

O Protestantismo, que é o Cristianismo reivindicado, ainda zela desse dia, guardando-o no espírito de Cristo. Disciplina os membros que o não guardam, repreende os que não o santificam com a devida honra.

“O dia do Senhor é o domingo, o dia da Senhora é o Sábado, dia que na liturgia goza de Missa e Ofício próprios em honra de Maria Santíssima, a celebrar-se sempre que outra festa de rito mais elevado o não impede. Quer muito a esse dia Nossa Senhora!” (Mariano Pinho, Obr. Ct., p.263). “Quem neste ponto quiser dar gosto à Senhora do Santíssimo Sacramento, faça ao menos a Comunhão reparadora no primeiro sábado de cinco meses seguidos, tendo-se preparado para ela com uma boa confissão, reze nesse dia o Terço, não de fugida, mas meditando

durante um quarto de hora nos mistérios do Rosário e o Coração Imaculado de Maria lhe alcançará a salvação” (Id., Ib., p. 264).

A salvação só é alcançada por Cristo (Atos 4:12; I João 5:12) e é de graça (Efésios 2:8-9). Se a Virgem faz questão de que em sua honra e louvor se guarde o sábado, dá ganho de causa aos sabatistas, que não levam em apreço a significação do domingo à luz da ressurreição do Senhor (Lucas 23:56).

Dia da Senhora! E ainda querem fazer distinção entre os cultos de latria, dulia e hiperdulia! Veem a “*serva do Senhor*” ombro a ombro com Cristo, cujos títulos, como vestes reais, são usados na exaltação de Maria. “*Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizado a sua própria consciência*” (I Timóteo 4:1-2).

Seja o domingo o dia do Senhor, o dia do repouso, da visita fraternal, do socorro ao necessitado, da meditação proveitosa, da oração na Casa de Deus. O resto é arremedo, é inovação que a Palavra de Deus condena.

9 – Chamem a Cristo “*carpinteiro de Nazaré*”, “*amigo de publicanos e pecadores*”, “*inimigo de César*”; cusпам-Lhe no rosto e

esbofeteiem-nO em público; tirem-Lhe a túnica inconsútil e vistam-Lhe o manto de púrpura; ponham-Lhe na frente, que merecia diadema, uma coroa de espinhos; dêem-Lhe um túmulo emprestado, um túmulo selado, policiado, e Ele, redivivo, dirá por fim: “*É me dado todo o poder no céu e na terra*” (Mateus 28:18), “*tudo por Meu Pai Me foi entregue*” (Lucas 10:22), “*o Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas Suas mãos*” (João 3:35).

Diante destas declarações, nascidas dos lábios de Cristo, só um título Lhe cabe: “**Rei do Universo**”. Os escritores sagrados O reconhecem como tal (Romanos 14:9; Atos 2:36; I Coríntios 15:27).

Mas a Igreja de Roma não se contenta com este Rei; quer uma Rainha também.

“Assim como ao coração de Jesus foram consagrados a Igreja e todo o gênero humano, para que, colocando nEle todas as suas esperanças, Lhe fosse sinal e penhor de vitória e salvação [é Pio XII que fala na dita Consagração], assim nós nos consagramos perpetuamente a Vós e ao Vosso Coração Imaculado, ó Mãe e Rainha do Universo” (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 166).

Na página seguinte, escreve o mesmo pensador católico: “Com este ato o Pontífice respondeu a um duplo pedido feito há tantos

anos à Santa Sé pela Cristandade: a Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria e a Sua proclamação como Rainha do Universo”.

Felizmente, ele declara que não é a Escritura que reclama tais glórias, mas a Cristandade, e romana, jejuna em questões bíblicas. A resposta do Pontífice transforma a “*serva do Senhor*” em Rainha do Universo.

H. G. Wellls, posto que às vezes agnóstico e historiador frio, disse uma grande verdade: “Não disse [Jesus] uma palavra a respeito do culto de Sua mãe, Maria, culto desenvolvido posteriormente à maneira de Ísis, a Rainha do Céu” (História Universal, II, ps. 194-195).

Usando o argumento de Pedro em Atos 2:36, dizemos: “Saiba, pois, com certeza toda essa Cristandade, que a esse Jesus Deus O fez Senhor e Cristo”.

Nada dizem as Escrituras sobre a Rainha do Universo. Manifestam-se acerca do Rei: “*É-me dado todo o poder no céu e na terra*” (Mateus 28:18).

10 – “*O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir*” (Mateus 20:28). Esta afirmação tão impressionante nasceu do desejo que o Mestre teve de impedir a hierarquia, a primazia no colégio apostólico. Quando os Seus discípulos quiseram escolher um primaz, Cristo disse-lhes: “*Sabeis que os soberanos dominam*

sobre os seus povos, e os grandes exercem poder sobre eles. Entre vós, porém, não há de ser assim; mas quem entre vós quiser grande, seja vosso escravo; e quem entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mateus 20:26-27).

Paulo, a quem Jesus chamou de “*vaso escolhido*” (Atos 9.15) afirmou: “*Porque ainda que eu nada seja, em coisa alguma fui inferior aos mais eminentes apóstolos*” (II Coríntios 12:11).

Jesus repele ainda a ideia de primazia quando, falando das últimas coisas, promete doze tronos aos apóstolos e não diz da existência de um engalanado para um primaz. Escutemo-lo: “*Em verdade vos digo que, no mundo regenerado, quando o Filho do homem estiver sentado no trono da Sua glória, também vós, que Me seguistes, estareis sentados em doze tronos e julgareis as doze tribos de Israel*” (Mateus 19:28).

Concluindo, disse Cristo aos doze: “*Todos vós sois irmãos*” (Mateus 23.8). Onde a primazia?

Ele veio para servir. Se, neste século de egoísmo desmedido, de ambições criminosas, de insensibilidade moral, os cristãos imitassem o seu Mestre e Senhor, não seria o mundo um aglomerado de aflitos, um tablado de lutas, e não pairaria sobre a terra a borrasca que a todos apavora.

CRISTO NO CONCEITO DOS APÓSTOLOS

A Igreja de Cristo foi fundada em Jerusalém e não em Roma (Atos 2). Se a Igreja de Jesus tivesse feição local ou nacionalista chamar-se-ia hierosolimitana e não romana.

Os seguidores do Salvador foram chamados **cristãos** pela primeira vez em Antioquia (Atos 11:26). As doutrinas de Cristo e dos apóstolos estão em o Novo Testamento, revelação divina completa (Apocalipse 22:18-19).

Na Igreja primitiva, Cristo era tudo. Todos olhavam para Ele, porque era o Autor e Consumador da fé (Hebreus 12:2). Era o maior bem a que uma criatura podia aspirar (Filipenses 3:7-8). Nas pregações, nas meditações religiosas, na vida cristã particular, só fulgurava o Nome de Jesus (I Coríntios 2). Anátema seria aquele que, anunciando outro culto, perturbasse o Evangelho do Filho de Deus (Gálatas 1:7-8).

Vejamos, pois, quem era Cristo nessa fase e nestas mentes esclarecidas:

1 – *“Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”* (I Timóteo 2:5).

Em todo o Novo Testamento, Cristo é o único Mediador entre Deus e as criaturas. Leiam-se as passagens seguintes e comprove-se tal asserto: *“Mas agora alcançou Ele ministério tanto mais excelente quanto é mediador dum melhor concerto”* (Hebreus 8:6), *“Ninguém vem ao Pai senão por Mim”* (João 14:6), *“E tudo quanto pedirdes em Meu Nome Eu o farei,*

para que o Pai seja glorificado no Filho” (João 14:13), *“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles”* (Hebreus 7:25).

Se alguém, diante destas provas bíblicas, ainda ousa dizer que pode haver outro mediador, há também mais de um deus. O texto de Paulo é meridiano: *“HÁ UM SÓ DEUS E UM SÓ MEDIADOR...”* (I Timóteo 2:5).

“Ele é o único Mediador entre a criatura e o Criador... Ele é o único traço de união entre os dois mundos... O que Ele nos disse é verdade... Quem crer na palavra do mediador Jesus Cristo será salvo... Quem não crer será condenado...” (H. Rohden, em *Em Espírito e Verdade*, p. 304).

“O verdadeiro Mediador que, por Vossa oculta misericórdia, mostrastes e enviastes aos homens para que a seu exemplo aprendessem a humildade, o único Mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo. Homem, que apareceu como intermediário entre os mortais pecadores

e o Justo Imortal” (Santo Agostinho, em *Confissões*, p. 328).

Entretanto, ensinam os porta-vozes de Roma: “É por intermédio de Maria que devemos esperar todas as graças” (Pio XII, apud Mariano Pinho, *Obr. Cit.*, p. 165).

“Na verdade, Mediação significa a prerrogativa pela qual a Virgem Maria está colocada entre Deus e os homens para junto do Altíssimo interceder por eles, alcançando-lhes perdão dos pecados e penas merecidas e obtendo-lhes todas as graças e favores de que necessitam” (Mariano Pinho, *Obr. Cit.*, p. 167).

“Com tua Mãe e pela tua Mãe hás de tornar-te o que ela foi... pelo menos um esboço do que foi” (Ludovic Giraud, em *A Procura do Senhor*, p. 61).

“Confiado neste novo Medianeiro, nesta nova Redentora, Leão XIII entregava confiadamente o mundo todo ao Coração Divino, dizendo-nos que **NELE DEVEMOS COLOCAR A NOSSA ESPERANÇA; POR ELA ESPERAR A SALVAÇÃO**” (Mariano Pinho, *Obr. Cit.*, p. 164).

Realmente, é novo o mediador proclamado. Em face de passagens claríssimas das Escrituras, só o fanatismo pode gerar uma declaração como esta: “Nenhuma graça nos faz Deus que não seja por Maria” (Leão XIII). O Senhor já dizia: *“Este povo honra-Me com os seus lábios, mas o seu*

coração está longe de Mim. Mas em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens” (Mateus 15:8-9).

Quando Estêvão agonizava, disse que via os céus abertos e o Filho do homem à destra de Deus (Atos 7:55). A ninguém mais viu. Viu a Jesus porque aí é o lugar dEle, o lugar do Mediador, do Intercessor (Romanos 8:34).

Não há dúvida de que Cristo é o Mediador do novo pacto (Hebreus 9:15).

2 – Entre os homens falíveis e fracos, punem-se os criminosos. Há tribunais e magistrados na terra. Violadas certas leis, o infrator é levado ao tribunal para ser julgado. Deus também tem leis perfeitas, justas, boas (Romanos 7:12). Pelo pecado de nossos primeiros pais, todos nos tornamos réus diante das leis divinas (Romanos 5:12). Um dia todos comparecerão diante do Tribunal de Cristo (II Coríntios 3:10). Deus é o Juiz e julgará por meio de Cristo: *“Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo por meio do Varão que determinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-O dentre os mortos”* (Atos 17:31).

“Jesus é realmente a Pessoa mais capaz para fazer este julgamento final, porque Ele está não só intimamente relacionado e identificado com Deus, mas também está intimamente

relacionado e identificado com o homem” (Langston, em Teologia Sistemáticas, p. 442).

Só Cristo pode defender o pecador: *“Isto vos escrevo, filhinhos meus, para que não pequeis. Mas, se alguém pecar, temos um Advogado junto do Pai: Jesus Cristo, o Justo. É Ele a vítima expiatória pelos nossos pecados; e não somente pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro”* (I João 2:1-2).

Contudo, milhares de católicos estão dispostos a repetir estas palavras de S. Bernardo: “Seja, pois, sempre louvada a infinita Bondade de nosso Deus, que foi servido constituir Maria nossa Advogada no céu, para como Mãe do Juiz e Mãe de misericórdia tratar do grande problema da nossa salvação”.

Digamos, como Papini, na sua piedosa oração a Jesus, coroando a sua grande obra (História de Cristo): “Temos necessidade de Ti, de Ti só e de ninguém mais”.

3 – Em linguagem espiritual, a Igreja é a Esposa de Cristo: *“Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus, porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo”* (II

Coríntios 11:2). E esta união mística de Cristo com Sua Igreja está, segundo alguns intérpretes, oculta na alegoria dos “Cantares de Salomão”. Quando Paulo diz que a Igreja será apresentada a Cristo – *“gloriosa,*

sem mácula, sem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:27) – traz-nos à mente a grande declaração de um amor puríssimo e de admiração elevada dos Cantares: *“Tu és formosa, amiga Minha, e em ti não há mancha”* (4:7).

Disse alguém que os “Cantares de Salomão” deveriam ser lidos de joelhos. Percebe-se o porquê da sugestão: afugentar a malícia com que os perversos leem tal porção das Sagradas Letras. Sabido que o livro é alegórico, ou simboliza a união de Cristo com os Seus fiéis, tem ele trechos de real beleza espiritual, de amor acrisolado, semelhante ao que Cristo devota à Sua Igreja.

A união de Jesus com a Sua Igreja levou Paulo a considerar o matrimônio santo e, para ferir a sensibilidade dos casados, compara o amor conjugal ao amor de Cristo à Igreja: *“Vós, maridos, amai vossas mulheres como também Cristo amou a Sua Igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela”* (Efésios 5:25).

A Igreja, como Esposa do Cordeiro, aguarda a chegada do Amado. E realizar-se-ão as bodas. *“Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro”* (Apocalipse 19:9).

Vejam, agora, a usurpação do título porque é responsável a Igreja de Roma: “A ninguém, com efeito, cabem com mais direito o título e as prerrogativas de Esposa de Cristo do que a Maria Santíssima. Se, como diz S. Bernardo: *“Por esposa*

se entende a alma que ama, ninguém mais esposa de Cristo do que Maria. As virgens consagradas na Igreja denominam-se esposas de Cristo, mas o protótipo é a Virgem Maria” (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 82).

Quem pode negar o amor perfeito e inspirador de Maria a Cristo? Só a mãe desnaturada não ama os filhos. Mas este argumento não procede: primeiro, porque amor de mãe não é amor de esposa; segundo, porque o título já pertence à Igreja de Deus, e a usurpação dele não agradaria à própria Virgem Maria, que se contentava em chamar-se *“serva do Senhor”* (Lucas 1:48); terceiro, porque dentro do Novo Testamento, daquilo que

toda família cristã julga autêntico, ninguém aparece amando mais a Cristo do que Paulo.

O Novo Testamento está cheio de Paulo, e Paulo cheio de Cristo. “O coração de Paulo, disse São João Crisóstomo, era o coração de Cristo” (Fray Justo Perez de Urbel, Obr. Cit., p. 302). Esse mesmo escritor católico escreve acerca do amor de Paulo a Jesus e à Igreja, e seu argumento não se apoia em sentimentalismo, em conclusões humanas, mas nos textos sagrados do Novo Testamento.

Ouçamo-lo: “Esse amor é a grande conquista, mais gloriosa do que o império de Augusto. Paulo já não vê outra coisa nem sabe outra coisa. É um

apóstolo, prega uma ideia; é um teólogo que só defende um argumento; um amante que repete um só nome, o Nome adorável que brota dos seus lábios sem cessar, às vezes sem razão aparente que salta do coração, que lhe abrasa os lábios: o Nome bendito de Jesus, ante o qual se dobra todo joelho no céu, na terra e debaixo da terra. Por Ele sofre, por Ele triunfa, por Ele prega, por Ele se abrasa com ardores celestes, por Ele trabalha com paciência inaudita” (Obr. Cit., p. 304).

Outras mulheres aparecem amando a Cristo com lágrimas, com afeto ardente (Lucas 7:36-50; João 12:1-8; João 20:11). Tudo isso é inspirador, pertence à fé, glorifica a Deus; mas não nos autoriza a arranjar outra Esposa para o Cordeiro.

4 – Quem já não ouviu nas rezas católicas o aposto honroso ESPERANÇA NOSSA, referente à virgem de Sião?

O fundamental desse aposto, porém, é Jesus: “*Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo o mandato de Deus, nosso Salvador, e do Senhor Jesus Cristo, esperança nossa*” (I Timóteo 1:1).

Cristo é a esperança do homem. Esperamos nEle agora e na vida por vir, porque, de outra sorte, seríamos as mais miseráveis das criaturas (I Coríntios 15:19). E o que mais nos empolga é saber que essa esperança, no peito do asiático, do americano, do fiel da África lendária, do

homem da Europa sem paz, tem o mesmo calor porque é uma só (Efésios 4:4), porque é boa (II Tessalonicenses 2:16), porque é viva (I Pedro 1:3), porque não envergonha (Romanos 5:5), porque triunfa diante dos maiores obstáculos (Romanos 4:18), porque tem por objeto, além das

gloriosas promessas do Senhor, a vida eterna: *“Para que, sendo justificados pela Sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna”* (Tito 3:7).

Ele é a Esperança nossa!

5 – Quem não tem aflições neste mundo? *“O homem, nascido de mulher, é de bem poucos dias e cheio de inquietação”* (Jó 14:1). Cristo preveniu os Seus de que teriam aflições neste mundo: *“No mundo tereis aflições”* (João 16:33). Cristo também teve momentos de angústia. Todavia, as Escrituras trazem claridades de sol para os que sofrem: primeiro, dizendo-lhes que ninguém é provado além das forças que tem (I Coríntios 10:13); segundo, afirmando-lhes que não raro as aflições são meios porque buscamos a Deus e O glorificamos (Jonas 2:1; João 9:13); terceiro, apresentando-lhes a consolação que há em Cristo.

Medita-se nestes relatos bíblicos: *“Pois do mesmo modo que nos couberam em larga escala os sofrimentos de Cristo, assim também nos couberam largamente as consolações por meio de Cristo”* (II Coríntios 1:5), *“Pois tendo Ele mesmo padecido com as tentações, está em condições de valer aos que se acham tentados”* (Hebreus 2:18), *“Não se perturbe o vosso coração. Tendes fé em Deus e tendes fé em Mim”* (João 14:1), *“Vendo-a o Senhor, teve compaixão dela e disse-lhe: Não chores”* (Lucas 7:13), *“Como guardaste a palavra da Minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra”* (Apocalipse 3:10), *“O Senhor, porém, me assistiu e me deu forças”* (II Timóteo 4:13).

Não há dúvida alguma de que o refúgio dos aflitos é Deus (Isaías 25\4), é Cristo (Mateus 11:28).

Mas um mariano ensina isto: *“O Seu Coração misericordioso, piscina de milagre, sara todas as enfermidades, balsamiza e consola todas as nossas amarguras e aflições”* (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 194).

E Pio XII declara que *“só Ela nos pode socorrer”*.

Perguntemos e respondamos como estes servos de Deus: *“Elevo os meus olhos para os montes; de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra”* (Salmo 121:1-2), *“Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna”* (João 6:68).

6 – Cristo é Unigênito do Pai (João 1:14) e Primogênito de Maria: “*E deu à luz seu filho primogênito*” (Lucas 2:7). Comentando a expressão evangélica “*seu filho primogênito*”, escreve Ryle: “As palavras assim traduzidas são mais enfáticas no grego. Traduzir-se-ão mais literalmente: “*seu filho que nasceu primeiro*”. (Comentário de São Lucas, p. 53). De fato, o prego *protótokon* dá essa ideia.

Se Cristo fosse unigênito de Maria, o médico evangelista Lucas não teria dito “*primogênito*”. Quando ele se refere ao filho da viúva de Naim, o qual era filho único ou unigênito, diz Lucas: “*E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe*” (Lucas 7:12).

Que a Virgem foi mãe de outros filhos é questão melindrosa para os católicos, mas discutível em face de Mateus 12:46; 13:55.

Estranha às Escrituras é esta declaração: “Mas muito de aprovar é a denominação dada a Maria de Filha de Deus, de Filha do Pai, de Primogênita, de Filha única” (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 72).

Filhos de Deus são todos os que renasceram sob o poder do Espírito Santo (João 1:13; Romanos 9:8; Gálatas 4:26). Por consequência, são filhos do Pai, filha única de Deus, como Cristo o é, é título estranho à Bíblia.

Não vai nestas considerações nenhuma ofensa à Virgem. É ela digna dos títulos que lhe são justos e apoiados na Revelação Divina. Sair de tais limites é criar um culto antibíblico, desconhecido pelos primeiros cristãos, cuja comunidade Lucas pinta neste quadro simples e impressionante: “*E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. E em toda alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos*” (Atos 2:42-43).

7 – Há um Redentor dos pecadores. Há milênios que se prega esta doce e santa verdade (Isaías 53). E o resgate de nossas dívidas não custou dinheiro (I Pedro 1:18), mas o sangue do Senhor (Efésios 1:7). Paulo prega: “*O qual Se deu Si mesmo em preço de redenção por todos*” (I Timóteo 2:6).

Jamais supus que o Salvador, para redimir o gênero humano, necessitasse de uma co-redentora, como se a morte dEle se tornasse insuficiente sem a colaboração dela. A suficiência, a perfeição da obra expiatória de Cristo é manifesta na Carta aos Hebreus, capítulos 7, 8 e 9.

Entretanto, a Igreja de Roma chama à Virgem de co-redentora (Mariano Pinho, Obr. Cit., p. 128).

No sentido de colaboradora de Cristo, ajudando-O a levar almas a Ele pelo exemplo, pela palavra, pelo anúncio do Evangelho, ela o

foi, e nós também o somos (I Coríntios 3:9; II Coríntios 6:1). Na acepção, porém, de redentora com Ele, simplesmente por suportar dores morais ao pé do madeiro, não tem base escriturística este título e é perturbador ao plano bíblico da Redenção.

Leiam-se as passagens seguintes, porque fazem bem ao coração, enchem a alma de esperança, tiram dos espíritos mal doutrinados a dúvida, a confusão e mostram que não há redenção sem sangue: *“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós”* (Gálatas 3:13), *“Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio sangue,,, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”* (Hebreus 9:12), *“Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação”* (Apocalipse 5:9).

Não há co-redentora da humanidade. Há um redentor suficiente, perfeito, agradável a Deus. O que se acrescenta a esta verdade é produto da hierarquia, da vaidade humana, do fanatismo, do desconhecimento das Escrituras. *“Estais em erro; não conheceis nem as Escrituras nem o poder de Deus”* (Mateus 22:29).

CRISTO NA VIDA

Disse Papini que a terra é um inferno que o astros iluminam por condescendência. O delicioso Bernardo Shaw escreveu: “Se os outros planetas são habitados, a terra é o hospício deles”.

Seja este mundo um inferno, ou um hospício, pode ele transmutar-se num paraíso se Cristo ocupar o centro da vida das nações.

Egocêntrica é a existência do homem moderno. E, para satisfazer os desejos desse ego, comete todas as loucuras, despreza os apelos de Deus, torna-se insensível diante do sofrimento de uma legião de famintos e nus.

A existência feliz é aquela que reflete o caráter e o amor de Cristo. Muitas facetas deste caráter e deste amor refulgem nas páginas que se leram.

O livro dos Atos dos Apóstolos, como o próprio nome indica, é uma galeria de personalidades que tinham a Cristo nos atos de cada dia. A sua congregação tinha vida, seus lares tinham beleza espiritual, seus planos eram vitoriosos, porque Jesus era a suprema preocupação daquelas almas simples e boas.

Nesse livro aparece a Igreja em lutas, em perseguições, em testemunho
brilhante, porque

deseja pôr o Salvador no centro da vida pagã de então. O cristão daqueles dias revelava na palavra, no gesto, nas atitudes, no olhar, nas aspirações, convivência íntima e diária com Cristo, a Vida (Atos 4:13).

O princípio fundamental da Reforma foi fazer o Cristianismo voltar à simplicidade primitiva dos Evangelhos, sem os dogmas, sem as inovações humanas, como diz João Ribeiro. Esse esforço santo ainda se nota nos avivalistas do mundo moderno, os quais suspiram por uma religião cristã que tenha a Cristo por centro.

São muitos os obstáculos que encontram, e eles estão não só dentro da Igreja de Roma, com seu culto a Maria, com suas práticas antibíblicas, mas dentro do próprio evangelismo, com igrejas formalistas e rotineiras.

Deve ser o Senhor o centro das festas de Natal, dos sermões, das mensagens jornalísticas e radiofônicas, das meditações, dos estudos nos lares e nas escolas.

Nosso moderno esforço em acentuar que Cristo é o centro da Palavra de Deus e da vida humana, e não Maria, embora plena de graça e de beleza moral, tem o apoio de toda a Bíblia. Leiam-se os Evangelhos, os Atos e as Epístolas e ver-se-á que o Cristianismo dos dias apostólicos era outro.

Meditem todos os que se dizem cristãos na página que traduziremos abaixo. É ela um painel soberbo da Igreja Apostólica, cristocêntrica, bafejada pelo amor, vínculo da perfeição. Saiu dos bicos da pena de um frei, a quem damos a palavra:

“Mais do que nunca, o Cristianismo é então a religião de Cristo, cuja lembrança permanece fresca e viva no meio dos Seus discípulos. Seu nome é instrumento de milagres, motivo de perseguições, exemplo de paciência. CRISTO É O OBJETO CENTRAL DA FÉ. Por Ele se consegue o perdão dos pecados e a salvação eterna. É mui particularmente o núcleo da doutrina de São Paulo. A Igreja é o Corpo de Cristo; o batismo é a ressurreição em Cristo; o cristão deve fugir da fornicção porque seu corpo é o templo de Cristo; o matrimônio é santo porque representa a união de Cristo com a Sua Igreja; os servos têm que obedecer a seus senhores como a Cristo; os ricos têm que ser generosos para com os pobres, imitando a Cristo que, sendo rico, se fez pobre, e todos os que foram regenerados pelo sangue de Cristo sabem que já não vivem para si, senão para Aquele que por eles viveu e ressuscitou, Cristo, Senhor dos vivos e dos mortos” (Fray Justo Perez de Urbel, Obr. Cit., p. 182).

Uma sociedade com tais propósitos, com tal fé, com tais aspirações, em suma, com Cristo no

centro, jamais sentirá as aflições por que passa o mundo presente.

E longe iríamos se quiséssemos falar de Jesus no lar, na oficina, nas distrações, nas praias, nas conversações, nos negócios, nos templos, na arte, na literatura, nos laboratórios da pomposa ciência moderna. O Novo Testamento, a Fé e a Oração abrirão clareiras para os corações ansiosos de vida eterna, de vida cristocêntrica. Com esta esperança paramos aqui.

Todo aquele que escreve, que põe no papel luzes e experiências, sente ao término de uma obra, certo descontentamento ou insatisfação. A ideia de imperfeição, de lacuna, de crítica, tudo lhe murmura na mente e lhe dá a sensação de vazio, que não o deixa saborear com alegria o fruto do trabalho terminado. Sentimos isso agora, mas saboreamos o fruto do trabalho com alegria, porque nos esforçamos por falar de Cristo de maneira elevada e sincera. E não é Ele o centro das Escrituras e da vida?

Disse Stanley Jones: “O mundo hebreu era Bondade, o mundo grego era Luz, o mundo hindu é Devoção, o mundo cristão é Vida. O mundo cristão é vida porque nosso Evangelho se fundamenta na vida e concede vida” (The Christ of Every Road, p. 11).

Realmente, o mundo cristão é vida, porque no seu centro está Jesus, que é a Vida (João 14:6).

Não se intitule cristã a Igreja que não tem a Cristo por centro. Pode ter tudo – poderes temporais, riquezas, lugares nos banquetes, nos palanques, nos cabeçalhos dos grandes jornais, glórias terrenas, mas não tem a Vida.

Senhor Jesus, sê o centro de minha vida, o núcleo de todos os meus anseios. Ajuda-me a procurar-Te sempre no Teu Livro e haverá luz no meu caminho, paz no meu coração. Amém.

BIBLIOGRAFIA

- 1 – Bíblia Sagrada – João Ferreira de Almeida.
- 2 – Sagrada Bíblia – Bover, S. J., e Cantera.
- 3 – Novo Testamento – Pe. Huberto Rohden.
- 4 – Imaculado Coração de Maria à Luz de Fátima – Mariano Pinho, S. J..
- 5 – O Papa e o Concílio – Rui Barbosa.
- 6 – Muitas Provas Infalíveis – Arthur Pearson.
- 7 – Inovações do Romanismo – C. B. Collette.
- 8 – Confissões – Santo Agostinho.
- 9 – Esboço de Teologia Sistemática – A. B. Langston.
- 10 – História de Cristo – G. Papini.

- 11 – Liberdade Americana e Poderio Católico – Paulo Blanshard.
- 12 – The Christian Century.
- 13 – Comentário Bíblico, Antigo Testamento – Abingdon.
- 14 – Na Outline of Christian Theology – W. N. Clarck.
- 15 – The Epistle of St. Paul to the Romans – Handley.
- 16 – História, Doutrina e Interpretação da Bíblia – Joseph Angus.

17 – A Religião e a Juventude – Tihamér Toth.

18 – Jesus, Rei de Amor – P. Mateo Crawley-Boevey.

19 – Um Estudo Sistemático de Doutrina Bíblica – Thomas Paul
Simmons.

20 – Plena Submissão – J. Edwin Orr.

21 – San Pablo, Apóstol de las Gentes – Fray Justo Perez de Urbel.

22 – A Procura do Senhor – Ludovic Giraud.

23 – Roma, a Igreja e o Anticristo – Ernesto Luiz d´Oliveira.

24 – O Capitalismo na América – Frederick Martin Stern.

25 – Em Espírito e Verdade – Huberto Rohden.

26 – História Universal – H. G. Wells.

27 – Comentário de São Lucas – Ryle.

28 – Christ of Every Road – Stanley Jones.

29 – Comentário de Mateus – Broadus.

30 – Les Prophécies Messianiques – V. Caillard.

.oOo.